

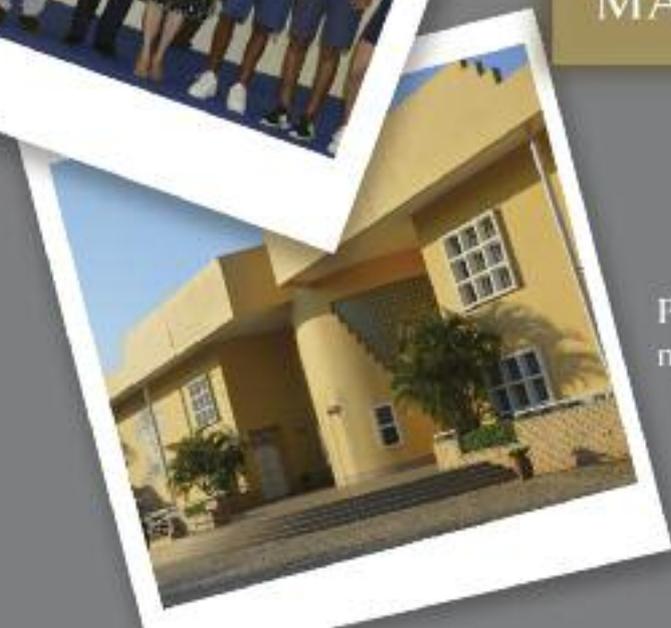
O PÁTIO

ANO XV | Nº 113 | JAN-FEV 2020 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA



“Tenho muito orgulho desta escola”

MARCELO REBELO DE SOUSA



Presidente da República Portuguesa
na sessão solene do 20.º aniversário da EPM-CELP

MOMENTOS EPM



2 - EDITORIAL

3 - 20.º ANIVERSÁRIO DA EPM-CELP | Em visita oficial à EPM-CELP, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, revelou ter orgulho da nossa Escola, destacando o papel da mesma na consolidação das relações de cooperação entre Portugal e Moçambique e garantindo o apoio permanente do governo português.

6 - LEITURA | EPM-CELP apurou candidatos à fase final do Concurso Nacional de Leitura de Portugal.

7 - EFEMÉRIDE | EPM-CELP entrou na rota magalhânica para celebrar os 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães.

10 - INOVAÇÃO | Curso Profissional de Técnico de Turismo da EPM-CELP desperta sonhos e horizontes otimistas entre os estudantes.

12 - ENTREVISTA | O realizador português André Guiomar fala sobre o lugar da sétima arte na educação, salientando a necessidade de se evitar círculos viciosos, mas, ao invés, despertar o sentido crítico dos alunos.

16 - ATIVIDADES | Alunos votaram pela paz no mundo através do Modelo das Nações Unidas.

18 - CIDADANIA | EPM-CELP elegeu deputados candidatos ao Parlamento dos Jovens e alunas do "secundário" garantem presença no PAYLP nos EUA.

19 - CIÊNCIA | Satélite da EPM-CELP voará em Portugal no âmbito do programa CanSat; alunos "viajaram ao Infinito" e aprenderam sobre "Matéria e Antimatéria" no Auditório Carlos Paredes; alunos expõem novo conceito de alimentação na Conferência Europeia OSOS e outros estudantes foram premiados no concurso internacional "MyMachine".

22 - DESPORTO | Vitórias e derrotas fizeram o caminho do sucesso dos alunos da EPM-CELP nas jornadas de janeiro e fevereiro.

23 - DESTAQUE | Alunas da EPM-CELP, Ana Domingues e Melyssa Rocha, sagraram-se campeãs de Moçambique de natação, revalidando os próprios títulos.

24 - FORMAÇÃO | EPM-CELP formou professores da Escola Primária da Ponta do Ouro em matérias de saúde e ambiente.

25 - PUBLICAÇÕES | Sérgio Veiga valoriza o ambiente em "As aventuras de Matoco".

26 - NA PONTA DA LÍNGUA | "A rua de S. Martinho" e "As bolachas de chocolate" são textos criativos de alunas da EPM-CELP.

27 - PSICOLOGANDO | Adolescer, é doar?.

28 - CRONICONTO | "Cidade fechada" na narrativa inspiradora do escritor Rogério Manjate.



3 | PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA PARTICIPOU NA SESSÃO SOLENE DO 20.º ANIVERSÁRIO DA EPM-CELP

Na sua participação na sessão solene do 20.º aniversário da EPM-CELP, integrada na visita oficial de cinco dias a Moçambique, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, destacou o papel essencial da nossa Escola nas relações de cooperação entre os dois países, garantindo que o governo português apostará sempre no desenvolvimento da nossa instituição.



16 | EPM-CELMun votou pela paz no mundo

Alunos do ensino secundário da EPM-CELP reuniram-se, em mais uma microconferência do "Model United Nations", para discutir sobre uma arquitetura sustentável da paz global, capaz de prevenir ou resolver a problemática dos conflitos no mundo.

12 | ENTREVISTA

Em entrevista exclusiva concedida em Maputo, o jovem realizador português André Guiomar revela o seu amor pelos ares africanos, pelo cinema e pela educação.

Obrigado, Presidente!

Obrigado, presidente Marcelo. As suas palavras pertinentes e sábias de reconhecimento do nosso esforço serão uma fonte de inspiração para, com firmeza modesta e humilde, prosseguirmos a nossa missão cada vez mais universalista junto de uma população infantil, adolescente e jovem oriunda de uma vastidão multicultural que faz de nós uma Escola do Mundo.

A participação do Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, na sessão solene do 20.º aniversário da nossa Escola constituiu um momento histórico e único pelo simbolismo de que se revestiu a sua presença. É a primeira participação de um Presidente da República numa sessão solene da nossa Escola, precisamente aquela que comemora 20 anos de existência.

Marcelo Rebelo de Sousa, visitante e convidado habitual da EPM-CELP, já como Presidente de todos os portugueses nos honrara com a sua presença na primeira visita oficial que realizou ao estrangeiro, concretamente Moçambique, em 2016. Antes, porém, já nos visitara várias vezes como figura proeminente da vida pública portuguesa e representante do prémio Baltazar Rebelo de Sousa, seu pai, que, há muitos anos, distingue anualmente o nosso melhor aluno do ensino secundário.

Conhecedor profundo da nossa realidade e existência institucionais, que acompanha desde os tempos anteriores à sua eleição para a presidência da República, Marcelo Rebelo de Sousa distinguiu-nos, agora como Presidente da República Portuguesa, com o seu sentimento de orgulho pela nossa existência ao serviço de Portugal no estrangeiro e no mundo. Este reconhecimento transmite-nos também muito orgulho, mas sobretudo redobra a nossa motivação para prosseguirmos a nossa missão estratégica no quadro da política portuguesa além-fronteiras. A

afetuosidade e autenticidade da participação de Marcelo Rebelo de Sousa na sessão solene do 20.º aniversário não deixou ninguém indiferente e projetou a nossa missão muito para além do formalismo protocolar. Deixou-nos uma mensagem muito forte não só de reconhecimento do nosso esforço, mas, sobretudo, de encorajamento para enfrentar os desafios do futuro num contexto cada vez mais complexo e imprevisível das relações internacionais.

Obrigado, presidente Marcelo. As suas palavras pertinentes e sábias de reconhecimento do nosso esforço serão inspiração para, com firmeza, prosseguirmos a nossa missão universalista numa escola multicultural e aberta ao Mundo.

Nesta senda universalista assinala-se, também, o forte envolvimento da nossa Escola na Rede de Escolas Magalhânicas para comemorar o 500.º aniversário da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães. Agregando aprendizagens múltiplas e transversais, o nosso envolvimento traduz-se em atividades curriculares que vão das competências manuais de construção de caravelas até ao conhecimento dos feitos passados que nos ajudam a compreender o presente e projetar o futuro, passando pelo trabalho colaborativo e comunitário que forja uma cidadania ativa e responsável dos nossos alunos, com identidade e autoestima estruturantes.

A DIREÇÃO

O PÁTIO | Revista da EPM-CELP | Ano XVII - N.º 113 | Edição janeiro/fevereiro de 2020

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Reinaldo Luís | **Editores** Ana Albasini (Cooperação), Alexandra Melo (Psicologando) e Rogério Manjate (Croniconto) | **Editor Gráfico** Núcleo de Informação e Comunicação | **Colaboradores redatoriais nesta edição** João Paulo Videira, Ana Paula Relvas, Mónica Oliveira, Cristina Viana, Sandra Macedo, Pedro Santos, José Fortes, Nuno Domingues, Estela Pinheiro, Graciela Valente, Teresa Nora, Odete Sol, Teresa Jerónimo, Isabel Mota, Karina Bastos, Sónia Pereira e Teresa Noronha | **Capa** António Faria Lopes | **Grafismo e Pré-Impressão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Apoio gráfico** Ilton Ngoca | **Fotografia** Filipe Mabaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Impressão** ImagemOne | **Distribuição** Reinaldo Luís (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: info@epmcelp.edu.mz

PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA PARTICIPOU NA SESSÃO SOLENE DO 20.º ANIVERSÁRIO

“Portugal vai sempre apostar nesta escola”



MARCELO REBELO DE SOUSA

Na passagem pela EPM-CELP, integrada na sua visita oficial de cinco dias a Moçambique, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, destacou o papel essencial da nossa Escola nas relações de cooperação entre os dois países, garantindo que o governo português apostará sempre no desenvolvimento da nossa instituição, que celebrou o 20.º aniversário no passado mês de novembro sob o lema “20 anos de Memórias”.

Foi precisamente a 14 de janeiro de 2020 que Marcelo Rebelo de Sousa se deslocou à nossa Escola, acompanhado pela sua comitiva e outros quadros da diplomacia portuguesa em Moçambique, para participar na sessão solene do 20.º aniversário da EPM-CELP, animando os presentes com carisma e afeto, correspondidos com abraços, beijos e alegria.

Logo à sua entrada, os pequenos artistas da Escola animaram, igualmente, os presentes, através de cantos e danças moçambicanas e portuguesas, estreitando, sobremaneira, no pavilhão gimnodesportivo, as relações entre os dois povos.

E não foi para menos! A marrabenta, no seu típico som de rufar dos tambores e trajes africanas e a dança contemporânea

iluminaram o pavilhão já repleto de gente de todas as idades. Eram crianças, jovens e adultos; alunos, professores, funcionários, encarregados de educação e convidados que ao vivo e a cores testemunharam os momentos.

Por isso, perante o vigor com que a comunidade da EPM-CELP o recebeu e o seu antigo histórico de passagem e admiração, Marcelo Rebelo de Sousa não escondeu a satisfação em, mais uma vez, visitar a Escola: “eu tenho muito orgulho desta escola. A diretora (Dina Trigo de Mira) sabe disso”, afirmou o Chefe do estado português para quem “a EPM-CELP tem sido essencial nas relações entre Portugal e Moçambique”.

Discursando, Marcelo Rebelo de Sousa afiançou que o governo português





vai sempre apoiar a EPM-CELP. “É um princípio básico: família é família”, declarou.

Para o Presidente da República Portuguesa os 20 anos da EPM-CELP foram e são importantes para fortalecer as relações entre Portugal e Moçambique, suscitando afetos entre moçambicanos e portugueses.

Numa aula de sapiência, que durou cerca de 15 minutos, Mar-



celo
Rebelo
de Sousa
destacou igualmente

os valores da amizade e da comunhão, consciencializando os alunos para respeito e trabalho em equipa.

Os momentos da sua visita incluíram a entrega de certificados aos alunos que se evidenciaram ao longo do ano letivo transato. Falando sobre essas distinções, uma das quais o Prémio Baltazar Rebelo de Sousa, em homenagem ao seu pai, que foi governador em Moçambique, o Presidente da República Portuguesa afirmou que os alunos premiados se destacam porque fizeram esforço durante um ano letivo para que fossem melhores. “Não os melhores. Mas melhores deles próprios, no seu percurso. E a razão pela qual vim aqui ao palco – é a primeira vez que faço isso na vida – foi porque era injusto entregar apenas um prémio, quando todos merecem ser premiados. Era injusto que eu tirasse fotografias com o aluno que recebeu o prémio com o nome do meu pai e não tirasse com outros que tiveram tanto ou mais mérito do que ele. Por tanto mérito, eu tinha de os abraçar, os beijar. É o mínimo para um ano de esforço”, argumentou.



“Eu tenho muito orgulho d

Alunos distinguidos em 2018/2019



Quadros de Excelência

5.º A - Maliha Ali e Rita Reis; 5.º B - Ashallina Bagasse, Gabriela Correia, Rita Coelho; 5.º C - Kalyanee Virgílio; 5.º D - Ana Domingos e Rita Morais; 5.º E - Maria Câmara, Matilde Santos e Ranya Fortes; 5.º F - Faadil Dali e Tais Pedro; 6.º B - Jade Cabrita e Mariana Caravela; 6.º C - Maria Andrada, Nhikywa Bilale e Santiago Chaves; 6.º D - Cristiana Soares, Margarida Rato, Beatriz Venichand e Matilde Matos; 6.º E - Gabriel Larrouy, Lourenço Padrão e Tatiana Jua; 6.º F - Cláudia A. Justiça; 7.º A - Luana Santos; 7.º B - Paulo Brito, Ricardo Mussá e Tiago Macedo; 7.º C - Maira Correia; 7.º D - Ana Reis, Fábio Afonso e Melyssa Rocha; 7.º E - Guilherme Rasteiro, Rodrigo Martins e Rodrigo Garrido; 8.º A - Larissa Gil e Tayla Meguegy; 8.º B - Renato Oliveira; 8.º C - Kandara Matlaba e Muhammad Karim; 8.º D - Eva Córte-Real, Leonor Silva, Maria F. Pimenta, Marta Costa, Rita Piñera, Suely Cabral e Thandyswa Virgílio; 8.º E - Larissa Munk e Luca Ambrosi; 9.º A - Camille Varinde, Francisco Marques, Francisco Fernandes e Karen Fernandes; 9.º B - Jorge Caldas; 9.º C - Ana Peral, Maria I. Santos e Vhir Sacarlal; 9.º D - Carolina Ossumane, Luna Cabrita, Luna Gouveia, Malaika Assubujji, Patrícia Guerra e Urvi Sacarlal; 9.º E - João Candeias, Maria da Costa, Nabil Omargee e Zara

Albasini; 10.º A1 - Igor Paruque, Inês Batista e Maria João Teixeira; 10.º A2 - Fernando Câmara e João Venichand; 10.º A3 - Guilherme Viveiros e Hugo Nascimento; 10.º B - Gonçalo Franco e Ishara Loureiro; 10.º C - Sofia Amado; 11.º A1 - Shelton Fenhane; 11.º A2 - Bruna Chaves, Dulce Mijares e Rodrigo Oliveira; 11.º B2 - Isabel Loforte; 12.º A1 - Diogo Teixeira e Gonçalo Padrão; 12.º A2 - Pedro Sousa e Yuri Damasceno; 12.º C - Irene Silva e Margarida Dray.

Prémio Miguel Torga

6.º D - Maria Venichachand; 9.º C - Maria Inês dos Santos; 12.º A1 - Gonçalo Padrão.

Bolsas de Mérito

Gabriella Correia (5.º B); Ana Reis (7.º D); Tayla Meguegy (8.º A); Ana Peral (9.º C); Maria João Teixeira; (10.º A1) Rodrigo Oliveira (11.º A2); Gonçalo Padrão (12.º A1).

Prémio Baltazar Rebelo de Sousa

Rodrigo Oliveira (11.º A2)

Melhor Leitor da BEJC

Nthanzi Manheia (2.º A)



“Esta escola”

“Evidentes as marcas de inovação e modernidade”

“**O**brigado pela oportunidade que me deram para assinalar, pela voz dos alunos que represento, a despedida da EPM-CELP à sua diretora, aproximando-se o fim da sua carreira.

Olhando para o seu percurso de 13 anos em Moçambique e na Escola são evidentes as marcas de inovação e modernidade que a diretora trouxe a esta escola. Ocorrem-me algumas, não todas: a criação da sala do ensino estruturado, no âmbito do projeto de educação inclusiva, que fez desta escola única no contexto das escolas internacionais e no contexto moçambicano.

A inovação pedagógica, com a contextualização do currículo português à realidade moçambicana, que culmina com a homologação pelo governo português da disciplina de História de Moçambique como opção no 12.º ano. A introdução do ensino profissional com a oferta do primeiro curso de Técnico de Turismo e ainda a concretização de um sonho antigo: a construção de uma nova cantina.

Todos sabemos que a história da EPM-CELP ficará marcada pela passagem da diretora Dina Trigo de Mira que, em todos – alunos e colaboradores –, deixa saudades, competência, audácia, dedicação e uma profunda amizade. Em meu nome, dos alunos que represento, e de todos os colaboradores o muito obrigado e bem-haja.”

AMERALI SAMBO
Antigo aluno

“Família é família”



“**E**u acompanho esta Escola há muito tempo. Aqui vim antes de ser presidente entregar um prémio. Ela tem sido essencial para as relações entre Moçambique e Portugal. Crianças e jovens moçambicanos a darem-se todos os dias com crianças e jovens portugueses. Com crianças e jovens de outros países que aqui vivem. E todos escolheram uma escola portuguesa, onde o português é uma língua fundamental. Isso aproxima as pessoas. O que aproxima as pessoas é falarem umas com as outras. Quando há guerras, quando há problemas no mundo, nas famílias, nos grupos de amigos, nos clubes é porque as pessoas não falam. Acham que são ilhas. Ninguém é uma ilha. Nós vive-

mos todos juntos e com todos. Ou falamos ou perdemos uma parte no sentido da nossa vida.(...)”

Esses 20 anos desta escola foram tão importantes para Portugal gostar mais de Moçambique e Moçambique gostar de Portugal. Os políticos dos dois países entendem-se muito bem. Nós, os presidentes, damos-nos bem quando os povos se dão bem. E essa empatia começa ainda em tenra idade, quando se joga futebol em conjunto, quando se estuda em conjunto, quando fazemos as mesmas asneiras em conjunto, quando choramos, quando temos boas notas em conjunto. Não há amizades mais reais do que as que fazemos na escola. Já me encontrei com presidentes de todo o mundo, futebolistas, artistas, cientistas e muito amigos, mas não são tão amigos como os feitos na escola. (...)

Portanto o que vos quero dizer é o seguinte: eu tenho muito orgulho desta escola. Muito orgulho. A diretora (Dina Trigo de Mira) sabe disso. E o que vos quero dizer é que Portugal vai sempre apostar nesta escola. Sempre. No que houver que acontecer, no que houver que mudar. Portugal vai sempre apoiar em Moçambique. Sempre. Nós apostamos sempre nos nossos irmãos. É um princípio básico: família é família.”(...)

(excertos do discurso oficial na sessão solene)

Honra e responsabilidade nas relações de cooperação



“**C**omemorámos, em finais do ano passado, 20 anos de existência, assumindo-nos como uma instituição educativa responsável pela educação de várias gerações de alunos. Servimos a comunidade a residir em Moçambique e a comunidade moçambicana que opta pelo currículo português, reconhecendo a qualidade desta instituição.(...)”

É uma grande honra assumir este papel social e é também uma responsabilidade que nos foi incumbida em termos de cooperação com o país de acolhimento, ao abrigo de um acordo assinado entre os dois países. É nossa missão, também, a valorização da língua portuguesa como elo de ligação entre os povos moçambicano e português. (...)

São os recursos humanos que aqui trabalham que permitem que os projetos curriculares e complementares ao currículo se desenvolvam muito além do que é requerido. É este padrão de qualidade que queremos não só manter, como elevar, apostando ainda nas artes (música e expressões plásticas), na leitura e na literatura como fundamentos para a representação, compreensão e intervenção no mundo. (...)

Os alicerces desta escola, que é simultaneamente um centro de ensino e de língua portuguesa, estão bem firmados nestes 20 anos de existência. Estamos certos de que continuaremos a beneficiar de condições que nos permitam fazer jus aos novos desafios que nos vamos colocando e que nos são exigidos, de olhos postos no futuro da educação, de Moçambique, de Portugal, das relações entre os dois países e da Língua Portuguesa no mundo.(...)

Por tudo isto agradecemos mais uma vez a presença do senhor presidente da República pelo suporte que tem dado, e estamos certos de que continuará a dar, a esta casa que é o espelho de Portugal nesta terra maravilhosa e promissora que nos tem acarinhado e apoiado desde o primeiro dia.”(...)

DINA TRIGO DE MIRA
Presidente da Comissão Administrativa
Provisória da EPM-CELP
(excertos do discurso oficial na sessão solene)

EPM-CELP apurou candidatos à fase final do Concurso Nacional de Leitura

A EPM-CELP apurou os vencedores da fase interna da 14.ª edição do Concurso Nacional de Leitura de Portugal, cujas provas decorreram no passado dia 27 de janeiro na Biblioteca Escolar José Craveirinha da nossa Escola.

Os alunos Yasmin Lam (6.º B), Tomaz Dias (6.º C), Jade Cabrita (7.º E), Bruna Prista (9.º B) e Patrícia Guerra (10.º A1), da nossa Escola, e Celefania Salamande da Escola Secundária Mateus Sansão Mutembamba, estabelecimento de ensino participante por via do projeto “Mabuko Ya Hina”, destacaram-se na competição de leitura e interpretação de obras literárias, ultrapassando dezenas de concorrentes rumo à prova de pré-seleção, agendada para 19 de maio próximo, a qual escolherá os dois alunos para a fase final nacional, cuja realização está prevista para junho próximo, em Oeiras (Portugal).

Na fase interna da 14.ª edição do Concurso Nacional de Leitura, os estudantes foram submetidos a provas de interpretação literária sobre diferentes obras de escritores e poetas portugueses, como, por exemplo, “Ulisses”, de Maria Alberta Menéres, no sexto ano de escolaridade; “O Cavaleiro da Dinamarca”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, no sétimo; “Falar Verdade a Mentir”, de Almeida Garrett, no nono, e “Filipa de Lencastre, a rainha que mudou Portugal”, de Isabel Stilwell, no 10.º ano do ensino secundário.

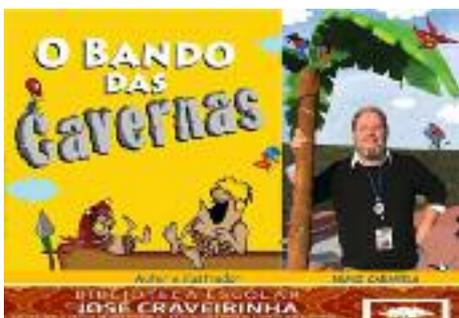


A comemorar o 10.º ano de existência, o projeto “Mabuko Ya Hina”, coordenado pela nossa Escola, intervém neste concurso a convite do Plano Nacional de Leitura (PNL) para auxiliar nas solicitações de participação das escolas do sistema nacional de ensino de Moçambique.

O Bando das Cavernas “invadiu” a Biblioteca Escolar

O escritor e ilustrador português Nuno Caravela ofereceu, recentemente, 20 títulos de uma das séries infantojuvenis mais vendidas em Portugal, “O Bando das Cavernas”, à Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) da EPM-CELP. Os livros, que narram aventuras intensas protagonizadas pelo “O Bando” Tocha, Ruby, Menir, Kromeleque, Tzick e Sabre, são destinados aos alunos-leitores do terceiro ao sexto anos do ensino básico.

Do “kit” oferta constam sucessos que marcam a trajetória autoral de Nuno Caravela em mais de duas dezenas de títulos publicados desde 2012 e com históricos de venda acima da média em Portugal, como “Fã n.º 1”, “Labirinto”, “Vem aí o Ogima”,



“Todos a Bordo”, “A invasão das formigas” e “Altamente”, entre outros.

De acordo com a página oficial da Bertrand Livres, “Nuno Caravela nasceu em

Lisboa a 1 de agosto de 1968. Frequentou o Centro de Arte e Comunicação e iniciou a carreira de escritor e ilustrador em 1992. Em paralelo exerceu funções de criativo durante seis anos em agências de publicidade, foi durante sete anos autor e coordenador de edição do projeto ‘Escola Global - A Tradição na Sala de Aulas’, destinado à recuperação de contos tradicionais portugueses. Desde então tem desenvolvido inúmeros projetos na área da literatura infantil, em parceria com algumas das mais conceituadas editoras portuguesas.”

Destinados a leitores preferenciais entre os 7 e os 11 anos, “O Bando das Cavernas” já vendeu cerca de 330 mil livros em Portugal e dezenas em diversos países.

500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães



EPM-CELP na rota magalhânica

A EPM-CELP aderiu ao programa das comemorações do quinto centenário da primeira viagem de circum-navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães, pioneiro da volta marítima ao mundo, através dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico.

Neste âmbito, a nossa Escola integra a Rede de Escolas Magalhânicas (REM) internacionalmente constituída por alunos e docentes de estabelecimentos públicos e privados de ensino, engajados na promoção do legado histórico da primeira aventura marítima à volta do globo terrestre.

A inovação pedagógica em prol de novas aprendizagens, do sucesso educativo, da transversalidade temática, do ensino inclusivo, da autonomia e flexibilidade curricular, da interculturalidade e da sustentabilidade são as principais marcas do movimento instaurado pelo Ministério de Educação de Portugal, com o objetivo de promover a partilha de conhecimentos, de



experiências e de materiais didáticos para evocar e reforçar o conhecimento de personagens e episódios da história da expansão marítima portuguesa.

Abrangendo todos os ciclos de ensino, do pré-escolar ao ensino secundário, a





EPM-CELP iniciou o ano letivo de 2019/2020 com a implementação de vários projetos de turma, criativamente concebidos para ambientes de aprendizagem transversais e multidisciplinares.

Com predominância das preocupações climáticas, onde as artes plásticas são o principal aliado de concretização das atividades em desenvolvimento, os estudantes abordam temáticas relacionadas com os oceanos, o planeta terra, vida marinha e terrestre e o microplástico, entre outras.

Os alunos do primeiro ano de escolaridade optaram pela recolha, durante uma visita de campo à praia da Costa do Sol, de materiais biológicos e orgânicos como conchas, sementes e folhas, nomeadamente, com o objetivo de representar as cinco naus da viagem de Fernão de Magalhães, atividade inspirada no movimento "Land Art". "Água para Todos" é o tema abraçado por todas as turmas comprometidas com a sustentabilidade, a proteção da água e a poluição. A celebração do carnaval também se inspirou nas preocupações ambientais para a caracterização, disfarces e mensagens exibidas pelos pequenos alunos para o desfile conjunto com os colegas de outros anos do primeiro ciclo e do pré-escolar.

Para os alunos do segundo ano, o visionamento de um "powerpoint" sobre a viagem de Fernão de Magalhães foi ponto de partida para explorar curiosidades da aventura de circun-navegação. Depois da exploração do tema "Aprender a ser, conhecendo mais o mar", no início do ano letivo, com a adoção, por cada turma, de animais marinhos relacionados com a viagem de circun-navegação, nomeadamente o pinguim, a baleia, a tartaruga, o foco atual é no trabalho em torno do tema "Terra", que alude aos pontos terrestres de passagem da viagem de Fernão de Magalhães.

Os alunos do terceiro ano de escolaridade reservaram o mote "No mundo da lua" para, ao longo do corrente ano letivo, representarem em painel coletivo as constelações que orientaram os navegadores naquela aventura histórica.

Por sua vez, os finalistas do primeiro ciclo do ensino básico, do quarto ano por conseguinte, desenvolveram o projeto designado "Navegar com as estrelas" escolhido pelo coletivo de docentes daquele ano de escolaridade, apostando em iniciativas pedagógicas de exaltação da viagem de Fernão de Magalhães. Para tal desafiaram alunos e encarregados de educação para a construção de caravelas com recurso a diversos materiais selecionados pelos próprios alunos.

No pré-escolar, as iniciativas que assinalam a viagem de circun-navegação abrangem transversalmente diversas áreas do saber. "As aventuras, saberes e sabores das viagens de Magalhães" é o nome do projeto que propicia diversas aprendizagens, tal como o estudo do planisfério para conhecimento da rota marítima traçada por Fernão de Magalhães, explorando aspetos culturais sobre os países de passagem da digressão marítima. A pesquisa e o conhecimento da gastronomia e especiarias desses países, as visitas ao planetário da EPM-CELP, atividades científicas como a análise da bússola e outros instrumentos de navegação, o estudo das profissões ligadas ao mar, a evolução da construção dos barcos e, ainda, a música, enriquecem o leque de propostas que desafiam a curiosidade e o engenho dos petizes.

Os alunos do pré-escolar também contam com o apoio dos encarregados de educação, envolvidos na pesquisa e o acompanhamento dos seus educandos, tal como sucedeu nas comemorações do carnaval, cuja fantasia predominante evocou, com muita pertinência, vários aspetos ligados à história marítima de Fernão de Magalhães como, por exemplo, a adoção da "Princesa de Magalhães" para o disfarce que representou a mulher do comandante e explorador português.

NAVEGAR

COM AS ESTRELAS



No contexto de uma parceria entre alunos da turma A4 do 11.º ano de Artes Visuais do ensino secundário e da turma B do quarto ano do ensino básico, com participação dos encarregados de educação, nasceu um projeto de construção de uma caravela que vai ser integrada numa cápsula para acolher mensagens elaboradas por membros da nossa comunidade escolar dirigida aos estudantes da Escola Portuguesa de Díli – Centro de Ensino e Língua Portuguesa Ruy Cinatti, em Timor-Leste. A partida para este destino está prevista para 12 de abril, a bordo do navio-escola Sagres que escalará Maputo, no âmbito do programa internacional das comemorações dos 500 anos da circun-navegação.

De acordo com Odete Sol, professora do "4.º B", o trabalho de construção da caravela centrou-se na colaboração direta entre pais e filhos. Ou seja, segundo explicou a docente, mais do que ter resultados brilhantes "o importante neste trabalho é o entusiasmo, o trabalho em equipa e a boa relação entre pais e filhos", afirmou satisfeita com o produto do trabalho feito pelos petizes no âmbito do projeto "Navegar com as Estrelas". Explicou ainda que, em termos de aquisição de novas competências, a atividade desenvolveu a criatividade e o espírito investigador e inventivo dos alunos envolvidos - Bruno Pinto, Ema Moreira e Beatriz Antunes - que trabalharam na construção da caravela durante um dia na oficina de Nuno Moreira (pai de Ema Moreira).

Por sua vez, Nuno Moreira, que auxiliou na construção da caravela, revelou ter encontrado satisfação na relação com os pequenos construtores navais. Embora o trabalho tenha durado apenas um dia, para Nuno Moreira a experiência constituiu uma aprendizagem globalizante: "eles aprenderam sobre métodos do trabalho, que envolvem pesquisa sobre a história das caravelas; cálculos; desenho e tratamento gráfico e, por fim, a parte técnica que tem a ver com a produção, a indústria e as suas hierarquias de trabalho", contou o encarregado de educação, sublinhando que a experiência foi boa "para eles perceberem que por trás de um trabalho, pequeno que seja, existem pessoas unidas".

À descoberta de saberes universais



Catorze grupos de alunos de três turmas (A, B e C) do sétimo ano do ensino básico da EPM-CELP mergulharam, no dia 26 de fevereiro, em aventuras marinhas e terrestres de línguas, histórias, experimentações, aptidão física e de consciencialização ambiental na rota de 14 estações temáticas que desafiaram os estudantes a desvendarem a vida e obra de Fernão de Magalhães. Na edição 2020 do “EPMcaching”, organizada no âmbito dos 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, os alunos testaram competências adquiridas nas aprendizagens em contexto de sala de aula.

Sob o lema “À procura de Magalhães”, o “EPMcaching” 2019/2020 desafiou competências e saberes dos alunos associados à Matemática, Inglês, Francês, Espanhol, Educação Física, Educação Visual, Ciências Físico-Químicas, Geografia, Português, Ciências Naturais e História a partir da abordagem de temas sobejamente conhecidos. Durante duas horas de intensa maratona, os grupos percorreram o circuito de 14 estações de desafios em busca dos “carimbos do saber” no “passaporte Epmcaching”, distribuído a cada equipa para certificar a passagem por cada um dos pontos obrigatórios e inscrever a respetiva pontuação obtida.

A viagem “À procura de Magalhães” começou junto ao anfiteatro ao ar livre de onde os alunos partiram para as várias escalas representativas de locais e objetos ligados à epopeia de Fernão de Magalhães. Durante a digressão, os alunos experimentaram um misto de satisfação e de preocupação pelas pontuações obtidas, atribuição de carimbos e, às vezes, pelos erros cometidos durante o percurso. E não era para menos! Em 42 desafios propostos nas vá-

rias estações, os alunos conheceram sucesso em mais de metade deles, o que valeu prémios aos pequenos Raúl (turma B), Naisha (C), Pires (A), Manuel (A) e Bruna (C), pelo primeiro lugar no grupo Estreito de Magalhães; Chenoa (A), Frederico (B), Leonor (C) e Francisco (A) pelo segundo posto na Baía de Guanabara e Leandro (A), Ivan (C), Muskan (A) e Guilherme (B) pelo terceira posição nas Ilhas Canárias.

Embora todas inspiradas nas celebrações dos 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, cada estação propunha desafios diferentes. Na “Rota de Magalhães”, por exemplo, as equipas tinham de responder aos desafios sobre



localizações relativas e absolutas; na “História de Magalhães” desenhar e passar pelo desafio proibido; na “Verde” recolher lixo no barco de Fernão de Magalhães e resolver um “puzzle” associado à gestão ambiental.

A “EPMcaching”, de acordo com Mónica Oliveira, representante da área disciplinar de Geografia dinamizadora da iniciativa, tem como objetivo dotar os alunos

de um trajeto lúdico sobre as diferentes disciplinas que compõem o currículo do sétimo ano. “Essa é a forma de colocar os alunos a brincarem e a aprenderem”, explicou a professora, acrescentando que “a atividade vai ao encontro do compromisso assumido pela EPM-CELP ao fazer parte da Rede de Escolas Magalhânicas, celebrando, assim, os 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães”.

Numa outra abordagem, Mónica Oliveira considerou os resultados satisfatórios pois os alunos demonstraram as competências adquiridas no primeiro período deste ano letivo. Quem também avaliou positivamente a “viagem” dos estudantes foi Ana Barbosa, professora de Português, que dinamizou a estação “Navega com as palavras”, onde os alunos responderam aos desafios de leitura do texto biográfico sobre Magalhães, fizeram palavras cruzadas e resolveram exercícios gramaticais.

Nas estações “Verde” e “Pais”, comandadas pelo grupo “Unidos Pelo Ambiente” (UPA) e pelos encarregados de educação, respetivamente, os resultados não diferiram. Débora Filipa, representante da UPA, declarou que os alunos estão sensibilizados para os problemas ambientais enquanto Paulo Silva, representante dos encarregados de educação, revelou estar satisfeito com a experiência pois, sublinhou, “é sempre bom participar na educação dos filhos”.

Curso Profissional de

Steve Bidmed por Pixabay

Inovação com nota positiva

Um balanço preliminar da evolução da implementação do curso técnico-profissional de turismo na EPM-CELP revela sonhos e horizontes otimistas tanto para os alunos como formadores, ambos engajados na vontade de diversificar e incluir vocações específicas que espreitam oportunidades à mão de semear.

No início do presente ano letivo, a EPM-CELP alargou a sua oferta formativa com a introdução do Curso Profissional de Técnico de Turismo. A decisão surgiu no contexto do plano estratégico do Projeto Educativo da nossa Escola com o objetivo de proporcionar respostas formativas de qualidade, flexíveis e ajustadas ao perfil dos alunos, no horizonte de uma educação cada vez mais inclusiva para responder às exigências da contemporaneidade.

Dada a importância e as novas oportunidades suscitadas pelo crescimento do turismo em Moçambique e além-fronteiras, o novo curso privilegia alternativas de formação capazes de responder à necessidade de quadros intermédios qualificados no sector, conferindo uma certificação académica e profissional que permite, a um só tempo, o prosseguimento de estudos no ensino superior e a inserção dos jovens na vida ativa.

Para além de assegurar os instrumen-

tos que preservam a igualdade de oportunidades entre rapazes e raparigas, a dinâmica do novo curso da EPM-CELP prevê parcerias institucionais contributivas para o processo de formação dos alunos através de aprendizagens em contexto real de trabalho e, ainda, da perspetiva de colocação dos formandos no mercado de trabalho.

Como revelou a docente coordenadora do curso, Cristina Viana, no conjunto das aprendizagens os alunos adquirem competências pessoais e técnicas para desenvolver projetos comerciais, para trabalhar por objetivos, com espírito de iniciativa e de equipa, sem prejuízo dos conhecimentos teóricos relacionados com as políticas de desenvolvimento económico do setor. A nossa escola prevê o acompanhamento dos alunos durante os três anos de formação e, após conclusão do curso, a monitorização da empregabilidade e do prosseguimento dos estudos de nível superior por parte dos

alunos. Foi recentemente aprovada a legislação que define as condições de acesso destes alunos ao ensino superior.

Entusiasmado pelos novos desafios de formação académica, um dos alunos do curso pioneiro na EPM-CELP, Hilário Manjate, confessou que, embora faltando dois anos até a conclusão da formação, pretende prosseguir estudos para adquirir qualificações que o permitam investir em Moçambique. “Quero ter o meu nome e o meu maior medo é quando tiver 30 anos não ter ainda realizado o meu sonho”, declarou efusivamente o aluno. Por sua vez, o seu colega Lancine Diane está determinado a concluir o curso e prosseguir a sua formação na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, em Portugal. “Depois pensarei se crio uma empresa de animação em turismo de natureza e aventuras, embora o meu maior medo seja o de ao longo destes três anos alguma coisa corra

@ António Lopes

e Técnico de Turismo



mal e possa prejudicar os meus planos de criar a minha própria empresa”, admitiu o aluno.

Adotado para dar resposta às necessidades vocacionais dos alunos, no conjunto de opções de conclusão do nível secundário do sistema educativo português, o Curso Profissional de Técnico de Turismo conta com uma equipa interdisciplinar de professores com formação académica e profissional adequada ao perfil de cada disciplina. Para Lancine Diane, a oportunidade e escolha deste curso aparece na hora certa, uma vez que alivia o desconforto que sente nas outras áreas de formação. “Pretendia seguir economia, mas não sou bom a ma-

apesar de ser um curso pioneiro na escola, as dificuldades na adaptação dos alunos e dos professores não foram significativas, destacando a sua recetividade ao novo projeto. Também deu nota positiva ao trabalho da equipa docente cujo envolvimento entusiástico já suscitou ideias de aperfeiçoamento da experiência para o próximo ano letivo.

Não obstante o ânimo, houve “iniciativas ambiciosas que não foram fáceis de concretizar, embora tenhamos realizado muitas atividades de campo”, declarou Cristina Viana. Mas reconhece também que “os alunos respondem positivamente aos desafios colocados, inclusivamente nas ativida-

em uníssono: “temos bons alunos e esta escola faz tudo para estarmos bem, apesar de ser um ensino exigente que nos fará recordar que passamos por aqui”.

No final do curso, os alunos obterão uma habilitação profissional mediante a apresentação de prova de aptidão profissional no formato de projeto de criação de produto turístico, de organização de uma unidade hoteleira e de estudo de mercado, entre outros aspetos, defendido publicamente perante um júri.

O Curso Profissional de Técnico de Turismo é reconhecido com o nível 4 do Quadro de Referência Europeu para a Qualificação. Prevê, também, o desenvolvi-

“pretendemos incorporar áreas de formação ajustadas ao mercado moçambicano”

temática”, revelou o aluno que assume o gosto de viajar e de conhecer novos lugares paradisíacos, particularmente as praias. Para Hilário Manjate, uma das principais motivações para aderir ao curso foi a “falta de pessoas com bases para fazer coisas em Maputo e Moçambique, em geral”, considerando, assim, que “há coisas para explorar e podemos fazer a diferença, sendo melhores”.

Numa avaliação preliminar sobre a evolução das atividades letivas desde o início do ano letivo, Cristina Viana disse que,

des conjuntas com outros alunos do regime curricular mais comum. O curso é dirigido aos alunos com um perfil específico, que não se identifica com o modelo mais tradicional de ensino, e a sua integração permite-lhes revelar capacidades que até antes desconheciam”, acrescentou.

Os alunos Lancine Diane e Hilário Manjate prometem superar as dificuldades impostas pelo curso, assumindo o gosto pelo lado prático das atividades, apesar de cansativas. Para eles não foi difícil escolher o curso, aliás, como testemunharam quase

mento de um plano de contextualização das aprendizagens, através de módulos de formação específicos para este curso, desenvolvendo nos formandos uma competência específica para trabalhar no mercado moçambicano. “Pretendemos incorporar áreas de formação ajustadas ao mercado moçambicano, numa aposta que visa dotar os nossos formandos de competências mais enriquecidas relativamente à formação que os seus colegas adquirem na Europa”, concluiu a coordenadora do curso, Cristina Viana.



ENTREVISTA

Evitar a educação despertar o s

Absorto pela arte e inspirado pelos ares africanos, o jovem cineasta português André Guiomar produziu e realizou, em Moçambique, a obra "Pele de luz", que se tornou, rapidamente, emblemática na sua ainda curta carreira no cinema. Em mais uma passagem por Maputo, colaborou com a EPM-CELP em mais uma iniciativa da equipa do Plano Nacional de Cinema junto dos nossos alunos e de uma escola moçambicana integrada no projeto "Mabuko Ya Hina", confirmando que a arte e a educação artística não têm fronteiras e são linguagens universais.



Entrevista conduzida por
REINALDO LUÍS
ANTÓNIO LOPES

Consta que sonha passar uns anos em África a fazer documentários sobre a vida animal. Porquê este fascínio particular por África?

Tenho, provavelmente, dois grandes motivos. O primeiro é porque os meus avós viveram em Angola, onde a minha mãe também nasceu. Então, cresci com aquela vontade de materializar algumas das histórias contadas pelos meus avós e pela minha mãe, o que sempre me incutiu a vontade de conhecer o país onde eles nasceram. Pensei que Angola seria o primeiro país africano a conhecer, por razões ligadas às minhas memórias de infância. Posteriormente, quando fiz o curso de cinema liguei-me muito mais ao documentário do que à ficção, apesar de, no início, me sentir mais inspirado pelas imagens do "National Geographic" do que propriamente pelo documentário cinematográfico. Portanto, estava muito mais focado nos animais do que pro-

ANDRÉ GUIOMAR
cineasta

ação circular, sentido crítico

priamente no documentário mais realista. Assim, sempre tive o fascínio de passar uma temporada em África, porque me parece um continente subvalorizado em termos de cinema e que apresenta poucas condições para produzir, embora tenha histórias riquíssimas. Achei, por isso, que para a minha investigação como documentarista pudesse encontrar histórias em África e fui passando, inconscientemente, essa ideia às pessoas que me rodeavam. Entretanto, aconteceu que estava em Lisboa num festival de cinema e recebi um telefonema de alguém que tinha estado em Moçambique com o Sol de Carvalho que, por sua vez, precisava de alguém em Maputo para trabalhar em cinema. Na altura trabalhava como “freelancer”, meio perdido numa fase sem muito trabalho e, assim, achei incrível que o destino me tivesse posto nas mãos a oportunidade de trabalhar em Moçambique e, aos fins-de-semana, ter tempo para as pesquisas dos meus filmes. Vim com um contrato de um ano e acabei ficando três e pouco. Nesta estadia fiz uma curta-metragem e com certeza terei muitas outras histórias para produzir.

Que traços particulares encontra no documentário que suscitam tamanha paixão?

A ficção está muita ligada, obrigatoriamente, à escrita. E a escrita nunca foi o meu processo criativo favorito. Sempre fui preguiçoso na escrita, embora os resultados não fossem maus. Quando comecei a fotografar e a filmar fazia-o quase sem parar, mas a escrita... Embora seja meu sonho fazer ficção, como já o fiz, o documentário está sempre presente na minha vida. Acho que o documentário é, para quem é curioso e quer conhecer a vida dos outros e perceber como as pessoas vivem de forma diferente da nossa, uma porta que nos permite entrar na intimidade das pessoas o que, ao mesmo tempo, nos confere uma série de obrigações morais na construção do filme porque entramos demasiado na vida de alguém pelo qual temos de ter respeito. Cresci humanamente através dos meus documentários, mais do que se estivesse a fazer ficção. O documentário tem uma força enorme. Aprecio este romantismo porque nunca quis ser realizador. Foi

algo que aconteceu durante a minha passagem pela universidade. Comecei a ver documentários que me permitiram pensar de que não são entrevistas jornalísticas. O jornalista tem um propósito e o documentarista outro diferente. Constatei a infinitude da arte e, assim, por causa das referências colhidas na universidade, acabei por optar pelo documentário. Na infância pensava ser desenhador ou pintor, tanto é que a minha mãe sempre dizia: “o André desenha muito bem, mas é um ótimo copiator”. Nunca tive imaginação pura e dura. Sou ótimo a adaptar as coisas que a vida me dá. Não conseguiria fazer um filme de ficção científica e muito menos inventar. A única forma de fazer as minhas ficções é através da adaptação de livros que leio, porque não tenho esse lado de escritor.

O cinema esgota a sua vida profissional e pessoal?

Diria que sim. Mas não é o cinema, é a arte em geral. O envolvimento que se cria pensando artisticamente e refletindo sobre o que se é na sociedade altera a maneira de ser, independentemente da arte abraçada. Quando se conhece um problema não se consegue viver sem pensar nele. Por exemplo, não consigo ficar duas horas a falar sobre peças de roupa ou futebol. Não consigo. Talvez este discurso seja pretensioso, mas não consigo identificar-me com este tipo de coisas. Assim, é verdade que não consigo parar de pensar em cinema, música, literatura ou escultura pois é tão rico o que se pode conseguir com isso e humanamente tão forte que se torna difícil lidar com a situação de outra forma. Há realmente uma forte atração que é a arte ou o cinema que nos faz entrar num labirinto que não permite voltar atrás. Já me ia esquecendo: os meus “hobbies” são pintar, ir ao cinema, ler muito e fazer um desporto ou outro.

O que o levou a fazer o filme “Pele de Luz” em Maputo?

Eu passava os fins-de-semana aqui em Maputo a fazer o projeto “Humans of Mozambique”, que é uma réplica do original “Humans of New York” no qual se entrevista pessoas na rua, recolhendo histórias mirabolantes, sem identificar nomes, e publicando-as na internet. Quando cheguei a Maputo um amigo sugeriu-me este projeto e documentamos mais de 100 histórias. Um dos assuntos que sempre quis documentar, como ocidental, foi o problema relacionado com as pessoas portadoras de albinismo e a ameaça de utilização dos seus órgãos na

magia negra. Na altura comentei com uma pessoa sobre o meu interesse em conhecer alguém nessa condição e que tivesse sido raptada e sobrevivido. Curiosamente essa pessoa disse logo: “uma das minhas melhores amigas, que se tornou a Anifa, a irmã mais velha do filme, foi raptada ao sair do Parlamento Juvenil, aqui na cidade de Maputo, não no mato, e sobreviveu”. Então, fiz esse retrato. Fizemos uma entrevista, escrevemos a história e, posteriormente, consegui algum dinheiro de um concurso de cinema em que participei com outros projetos com o qual investi na ideia. O curioso é que fiz o documentário que foi apresentado em Lisboa, onde venceu o prémio de júri. Percebi, na primeira apresentação, que aquilo era algo que nem sequer as pessoas mais informadas de Lisboa tinham conhecimento. Assim, precisava sempre de, previamente à apresentação, explicar o fenómeno porque o filme não é



sobre os raptos, mas sobre o trauma de uma adolescente viver a construção de uma identidade perante ameaças de perseguição. E foi uma desilusão, porque muitos queriam ver sangue, raptos e magia negra. Mas não é o que filme documenta pois fala da condição de ser albino e do medo de ser raptado. Quando comecei o filme, lá para o quinto dia de filmagem, pensei que fosse ser meramente sobre a Anifa, mas quando começo a filmar vem a Isa (Isaura), muito tímida e que não queria aparecer pois sempre que virava a máquina na sua direção, ela desa-





parecia. Mas vi alguma coisa nela que me prendia, porque sabia que ela tinha qualquer coisa para me comunicar, embora não muito identificável. Achei isso incrível e, assim, tive de me adaptar à situação e focar-me igualmente na experiência da Isaura, pois o filme é uma consequência do que se consegue na produção.

Que tipo de reflexão suscitam as personagens Anifa e Isaura no filme “Pele de Luz”?

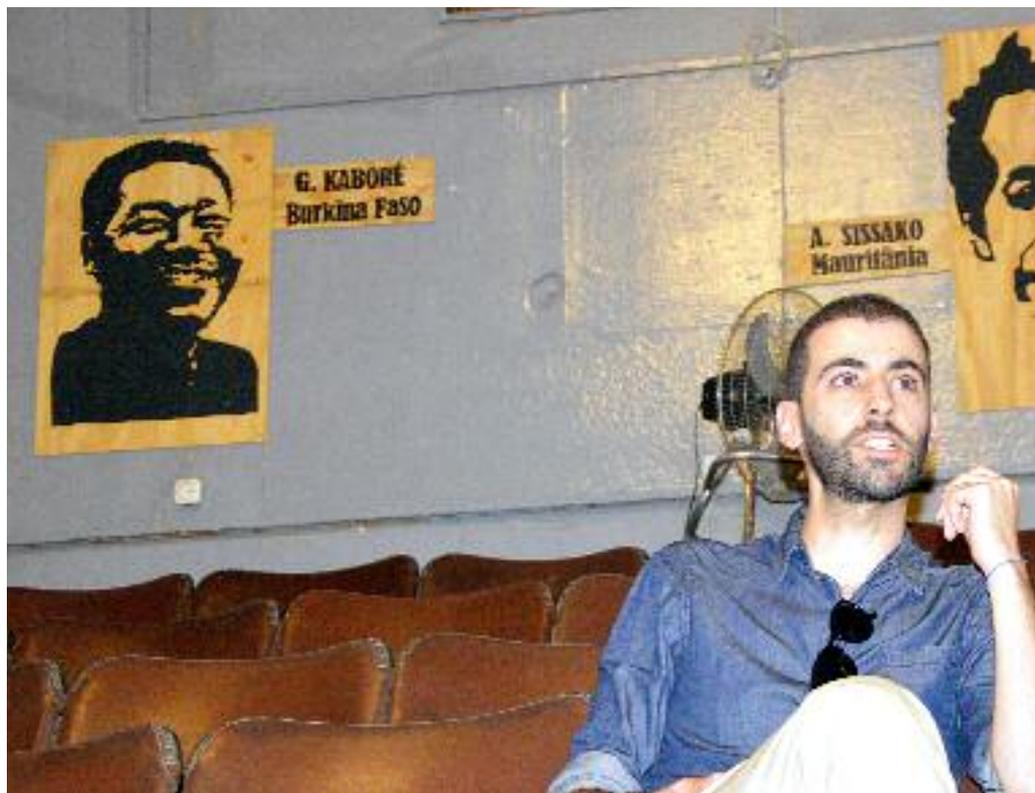
Acho que despertam para a problemática do albinismo. É verdade que na Europa a primeira reação ainda é: “isto é ficção, não existe”. Houve até pessoas que me perguntaram como ficionei o documentário, mas, na verdade, não fiz nada. Há gente que, infelizmente, ainda me pergunta se eu tenho internet aqui em Moçambique ou estradas alcatroadas. O filme também foi um exercício para as próprias irmãs personagens, do modo como elas se revêem no filme, se este lhes deu espaço para se erguerem ou se se sentem enganadas. Isto preocupa-me muito porque os filmes, depois de concluídos, seguem o seu percurso, mas a relação com as pessoas continua. Nós, no cinema, somos muito sanguessugas, tiramos o que queremos e depois desaparecemos. E na Europa a questão do filme está associada à ignorância e tende a ridicularizar as crenças africanas por desconhecerem a parte científica do problema, justificando o crime de outras formas. É um comportamento errado e daqui decorre a minha responsabilidade como realizador e o cuidado de não produzir o documentário nos primeiros meses da minha estadia. O tempo é essencial no documentário. Fiz o documentário nos meus últimos meses de Moçambique porque se o tivesse feito logo no princípio seria um perigo porque ainda vinha com um fascínio tropical preconceituoso. É muito mais justo gastar o tempo suficiente para fazer um filme mais profundo, enraizando-o numa série de pilares, para afastar pensamentos preconcebidos. Criar carisma junto das pessoas demora tempo e o tempo é um dos maiores segredos do documentário. O que me irrita nos documentários que conheço é a percepção de que houve falta de tempo. A única responsabilidade é trabalhar os temas com profundidade suficiente para que as pessoas compreendam coisas mais profundas do que meramente o que está à flor da pele. As pessoas estão preocupadas com sangue e eu estou mais interessado com este lado mais humano. Por exemplo, encontrei três pilares principais na construção de personalidades de Anifa e da Isa: fé, educação familiar e educação escolar, sendo estes os três pontos pelos quais tentei moldar o filme. Passei muitos dias com elas. E isto é que é documentário: conse-

guir transmitir três ou quatro meses de experiência em 19 minutos de profundidade.

Nos documentários “Piton” e “Pele de Luz” há um aparente realce da figura feminina na sociedade. Que espaço reserva para as mulheres no mundo?

Não faço essas escolhas de forma consciente até porque o meu próximo filme é sobre um homem. Mas os meus filmes mais conhecidos são sobre mulheres, é verdade. Se tentasse fazer uma leitura mais profunda, diria que um dos temas que nunca peguei, e que provavelmente irá aparecer no futuro, é a figura de uma mãe. Para mim o amor de uma mãe é coisa tal que, como homem, não consigo explicar. É algo que

da minha noção e o propósito do que é um filme. A prioridade para mim será sempre a profundidade, principalmente no documentário. Acho que há uma confusão entre o documentário e o produto jornalístico, sendo este último essencial para qualquer democracia. Mas existe o documentário que não é necessariamente informativo. Como tal, o seu propósito principal, na minha ideia de cinema, é uma reflexão e uma comunicação quase artística, de sensações e de reflexões que tocam o ego do ser humano de forma diferente da que toca a informação. Por exemplo, a mostra que vamos ter através da EPM-CELP da “Pele de Luz” dirige-se a um tipo de idade que nós queremos tocar com uma preponde-



nos ultrapassa. Não sei se está relacionado com o facto de ter filmado mulheres, mas há qualquer coisa que me fascina na forma como elas lidam com as coisas. As mulheres não têm a mesma organização.

Numa entrevista de 2011, concedida à “Split Screen”, após vencer quatro prémios, afirmou que o “Piton” era o seu primeiro filme e que os trabalhos anteriores não passam de exercícios, experiências para errar. Volvidos nove anos e já com quatro obras feitas, como define o cinema?

Pois, antes do “Piton” eram trabalhos para a escola que tinha de fazer para refletir sobre um assunto e depois o entregarmos. Não os considero cinema nem filme. A partir daí todos os filmes que fiz considero cinema, embora haja sempre uma evolução

rância diferente do que seria para um público adulto. Quando alguém se envolve com a arte atinge capacidades emocionais que não mudam a opinião, mas mudam algo mais ou menos profundo, talvez mais sobre a percepção do mundo. O cinema toca esse lado inconsciente e emocional, não sei bem o quê, mas tem qualquer coisa que o cinema atinge. Tenho a esperança de que nunca haverá uma conclusão, uma fase em que estou no sítio dos sonhos. Primeiro, porque isso me aborrece e espero que nunca chegue a esse ponto. Nunca sei e nunca vou saber se o que faço tem o enquadramento certo, o tom certo, a maneira certa de encarar as coisas. E quando o souber, saberei que já estou naquele tipo de cinema previsível. Que tem uma receita e que vai atingir um objetivo que se limita àquilo que eu con-

signa imaginar. E o que eu consigo imaginar é sempre limitado.

E o que pensa sobre o cinema moçambicano?

Do que percebi nos últimos anos, começa a haver uma geração que é muito boa em termos de produção. Há duas raparigas que ouvi falar em festivais na Europa e das classes A e B. Mas, quando passei aqui três anos e meio, conheci o cinema moçambicano que todos conheciam ao qual faltava a nova geração por falta de renovação. Só conheço Licínio Azevedo, João Ribeiro e Sol de Carvalho. Há necessidade de uma nova geração, principalmente porque não viveu diretamente a libertação do país, po-



dendo, assim, trazer para o cinema as suas visões do mundo. Esta multiculturalidade é essencial para não se afunilar o estilo de temas. Ou seja, devia haver uma aposta muito maior da existente e formar pessoas em cursos de cinema.

O sistema de educação precisa de formar cineastas e críticos? De que forma o cinema intervém na educação dos membros da sociedade que consomem arte?

Há uma componente informativa do cinema que me permite, por exemplo através do filme "Pele de luz", dizer que o albinismo é uma doença de pele para que os alunos absorvam essa informação. Há, porém, o lado emocional da arte. E neste particular a música é a arte que mais facilmente atinge o emocional pois não é algo palpável, mas a verdade é que nos toca de uma maneira que

algo informativo não consegue tocar. O informativo e o emocional têm propósitos diferentes que influenciam a construção personalidade, sobretudo na adolescência, a altura certa para nos revermos em alguém. O meu filme "Pítton" só foi incluído no Plano Nacional do Cinema de Portugal dois anos depois de concluído. Um dia fui a uma escola e percebi que talvez o principal público do filme era jovem, o que não tinha percebido antes. As pessoas fizeram-me perguntas impressionantes após as sessões pois eles passavam por aquilo que o filme retrata naquele preciso momento. Eles estavam a fazer desporto naquela altura e com muitos sonhos e, por conseguinte, reviam-se totalmente no personagem do filme. Desta forma, o cinema pode ajudar a construir o caráter pessoal ou auxiliar na sua revisão. Os filmes que vimos na infância ficaram na memória. Não me esqueço que cresci a ver cinema da Disney e que isso influencia totalmente a minha personalidade e a maneira de encarar o bem e o mal. São coisas simples, que a Disney incutiu no seu cinema. Fazendo uma analogia com a minha vida, desde que deixei a faculdade já tive três convites para ser professor em universidades em Portugal. Nunca aceitei e nem era capaz. Primeiro, por razões pessoais, porque não me encaro como tal e é uma responsabilidade. Há uma educação circular que eu acho completamente errada que é ser professor e ensinar no ano a seguir a ter aprendido e ensinar exatamente aquilo que acabei de aprender. Acho isso uma limitação enorme e uma aprendizagem circular que fica fechada nesse mesmo círculo. Se não incentivamos o sentido crítico nos alunos, seja em quem área for, o aluno vai saber o mesmo que eu sei e vamos ter um tipo de visão quase idêntico. Acho isso uma limitação. A informação é necessária, mas o sentido crítico e artístico, a procura de novos meios e veículos, de novas formas de pensar é mais do que ter uma mera informação.

Parte significativa de temáticas que já abordou na sua carreira está relacionada com disfunções sociais que, de algum modo, são potenciadoras de conflitos. São temas que escolhe como contributo consciente para o derrube de barreiras ou são temas criteriosamente selecionados porque potenciam a linguagem cinematográfica?

O que é cinematográfico depende muito de como queremos explorar o filme, embora saibamos de antemão que há temas mais cinematográficos do que outros. Mas está muito mais no nosso poder tornar algo cinematográfico do que esse algo ser naturalmente cinema-



André Guiomar

Realizador cinematográfico português, nascido a 15 de junho de 1988. É formado em "Som e Imagem" pela Universidade Católica Portuguesa, onde, posteriormente, em 2012, concluiu seu mestrado em "Cinema e Audiovisual". Trabalhou na Cimbalino Filmes em projetos audiovisuais e mapeamento de vídeo. Suas habilidades são principalmente na cinematografia, trabalhando, por exemplo, como diretor de obra. Dentre vários trabalhos, dirigiu o documentário "Pítton", com qual ganhou alguns prêmios e foi selecionado para muitos festivais de cinema. Terminou o seu primeiro trabalho de longa-metragem, "A Mãe e o Mar", como diretor de fotografia e editor. Torres é a sua primeira experiência na direção de uma ficção e "Pele De Luz" também a primeira na cinematografia em Moçambique.

tográfico. O que temos de fazer é encontrar a melhor forma para fazer o filme, de maneira a ele cumprir com o objetivo. O mundo tem mil hipóteses de filmes. Porque eu escolho um, o Sol de Carvalho escolhe outro, o João Ribeiro outro? É porque intuitivamente sei o que quero, o que consigo ou não fazer e qual o meu objetivo dentro do percurso que desenho para mim e para o filme. Então, as decisões que vou tomando estão dentro desse percurso. Isto que vou agora contar tem alguma piada mesmo sem fazer muito sentido para a entrevista. Tenho uma tatuagem no braço que fiz com 17 anos. Muita gente me diz para a tirar porque não tem nenhum tipo de significado. É uma tatuagem tribal, um desenho que eu gostava aos meus 17 anos. Mas para que vou apagar aquilo que eu fiz aos 17 anos? Por que vou esquecer os filmes que eu fiz em 2011? Por mais que veja o "Pítton" e veja coisas que alteraria hoje, não faz sentido estar a alterar o passado que representava aquela pessoa que eu era naquela altura.



EPM-CELPMMUN: votar pela paz!

Em mais uma miniconferência do “Model United Nations” (MUN) – designada internamente por EPM-CELPMMUN -, realizada a 12 de fevereiro último, dezenas de alunos do ensino secundário da nossa Escola abordaram o tema “Para uma arquitetura sustentável da paz: prevenção/resolução de conflitos e construção/manutenção da paz” como meio para uma melhor compreensão dos atuais conflitos internacionais e contributo para a sua resolução.



REINALDO LUÍS

O trabalho dos estudantes no EPM-CELPMMUN destacou-se pelos debates e obtenção de consensos entre as delegações representativas de diversos países do mundo sobre os problemas mundiais mais emergentes. O modelo de abordagem adotado (MUN) permite criatividade e engenho, fazendo com que os alunos demonstrem competências de investigação, seleção, tratamento e interpretação de informação, bem como de argumentação, fundamentação de ideias e construção de discurso confiante perante o público, ao lado da contra-argumentação e identificação de oportunidades de diálogo.

As competências demonstradas pelos alunos conferiram distinções aos melhores. Por exemplo, Guilherme Gonçalo, Malaika Assumbuji, Nabil Omargee, Sara Irahim, Luna Gouveia, Taty Machatine, Michele Waite, Beatriz Paiva, Luís Firmino, Alírio Herculano e Tiffany Sérgio, entre outros, foram selecionados como melhores delega-

dos ou moderadores, mercê das suas capacidades de retórica, argumentação, rigor e objetividade demonstradas durante os debates.

Inicialmente, os estudantes foram divididos em grupos, cada um deles moderados por colegas do 12.º ano. O trabalho desenvolvido em cada um dos grupos consistiu em debater três resoluções que foram submetidas à votação dos pares de modo a levarem as melhores à última sessão geral no Auditório Carlos Paredes. O Irão, que propôs as medidas “As tensões políticas com os EUA”, a “Procura de soluções para a guerra” e o “Desarmamento do país”, alcançou mais votos em relação às apresentadas, por exemplo, pelos EUA e pela Coreia do Norte.

Salomé Beatriz e Aisha Hamad, moderadoras que orientaram o debate final no Auditório Carlos Paredes, afirmaram que todos os alunos “estiveram muito bem, muito melhor do que esperávamos para uma primeira vez. Souberam analisar as resoluções com cautela e organizar argumentos contra e a favor dos mesmos, mostrando conhecimentos na área”, revelaram, acrescentando que “estão todos devi-

damente preparados para um verdadeiro MUN”.

Refira-se que, para além do Irão, os EUA e a Coreia do Norte, envolvidos nas resoluções mais votadas, representantes de outros países estiveram igualmente ativos, como foram os do Sudão do Sul, República



(...) Os debates preparatórios e finais foram desenvolvidos em língua inglesa por alunos portadores de língua nativa distinta. É neste particular que mais se manifesta a articulação curricular entre as disciplinas de Inglês e de Filosofia.

Democrática do Congo, Somália, Venezuela, Síria e República Centro Africana, entre outros.

Discutir de aluno para aluno

A nossa Escola organiza há três anos o EPM-CELMUN, um projeto de alunos para alunos com orientação de professores. Segundo Sandra Macedo, professora do grupo disciplinar de Filosofia/Psicologia e coordenadora do MUN na EPM-CELP, a organização decidiu, na edição 2020, conferir mais autenticidade aos debates, convidando a conselheira da coordenadora residente em Moçambique para os assuntos da paz e do desenvolvimento da ONU, Laura Lima, que inspirou os alunos com os relatos da sua experiência como estudante e como profissional.

No que toca ao tema “Para uma arquitetura sustentável da paz: prevenção/resolução de conflitos e construção/manutenção da paz”, Sandra Macedo explicou que o “tema é atual e faz parte da agenda das Nações Unidas e dos debates internacionais porque é sabido que ainda há guerras no mundo atual”, acrescentando que, para a



preparação dos debates, os professores forneceram aos alunos folhas nas quais constam o “tipo de regime político de cada país, quem é o chefe de estado, se é uma monarquia, república ou democracia, qual a moeda e tudo sobre o país que se relaciona com o tema”.

Os debates temáticos foram resultado do trabalho realizado em contexto de sala de aula, na articulação curricular entre as disciplinas de Inglês e de Filosofia, uma vez que, segundo Sandra Macedo, existem técnicas de aprendizagem de debate que são similares. Os alunos foram orientados para realizarem pesquisas ligadas ao contexto real dos fenómenos em estudo, associados aos respetivos países, de modo a desenharem soluções para concertarem os problemas identificados, expostos e analisados publicamente. Nota importante a referir é o facto de todos os debates preparatórios e finais terem sido desenvolvidos em língua inglesa por alunos portadores de língua nativa distinta. É neste particular que mais se manifesta a articulação curricular entre as disciplinas de Inglês e de Filosofia.

Convidada para inspirar os alunos envolvidos no projeto MUN na EPM-CELP, Laura Lima, conselheira da coordenadora residente em Moçambique para os assuntos da paz e do desenvolvido na ONU, revelou, em discurso de abertura da sessão, que há 25 anos também participara num exercício MUN na sua escola. “Hoje estou aqui como consultora de paz e desenvolvimento da ONU. Então, deixem-me partilhar o seguinte: os jovens, como vocês, são o maior recurso para a paz e desenvol-

vimento das gerações atuais e futuras. Considerando o seu grande número e força vital, os jovens, como vocês, são os principais interessados no desenvolvimento, sustentando iniciativas de paz, governança democrática e intervenções de construção da paz”, incentivou a conselheira da ONU.

Laura Lima falou aos estudantes da nossa Escola dos vários conflitos internacionais mais violentos das últimas três décadas. “Um número recorde de civis está a ser morto ou ferido por armas explosivas. Um número recorde de pessoas está em movimento, deslocado pela violência, guerra e perseguição. O mundo está a testemunhar, cada vez mais, violações horríveis dos direitos humanos, nacionalismos crescentes, racismo e xenofobia. As desigualdades também estão aumentando; regiões, países e comunidades inteiros podem ficar isolados do progresso e deixados para trás pelo crescimento. Mulheres e meninas ainda enfrentam discriminação de todos os tipos. Mas isto não é tudo. Como todos testemunhamos em Moçambique no último ano, os seres humanos estão em guerra contra a natureza. E a natureza está atacando de volta. Em todos os continentes, os desastres climáticos estão afetando os mais vulneráveis e desprivilegiados. Portanto, precisamos de fazer a paz entre países, raças, religiões, géneros e grupos étnicos. Também devemos fazer as pazes com a natureza”, declarou Laura Lima, para quem o importante é a opção pelo diálogo, pela construção de pontes entre divisões e pela celebração das diferenças para construção de um mundo melhor.





EPM-CELP elegeu candidatas ao Parlamento dos Jovens em Portugal

Apoucos meses da realização da Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens, em Portugal, a Sessão Escolar da EPM-CELP, realizada no dia 29 de janeiro no Auditório Carlos Paredes, elegeu os dois deputados para representarem a nossa Escola na Assembleia da República, em Lisboa. Larissa Gil (9.º A) e Bruna Prista (9.º B), a par da suplente Kandara Matlaba (9.º C), foram as escolhas de 31 alunos saídos das cinco listas candidatas.

A sessão, dirigida pelo docente do Departamento de Línguas e coordenador do Parlamento dos Jovens na EPM-CELP, João Paulo Videira, ofereceu a oportunidade para debater, criticar e defender 14 medidas no campo da “Violência doméstica e no namoro”, numa perspetiva de sensibilizar os jovens para a intervenção social. Os resultados foram enviados, no mesmo dia à noite, para a Assembleia da República de Portugal, incluindo o relatório de todo o processo e o número de listas concorrentes. Agora, Larissa Gil e Bruna Prista irão aguardar os resultados do escrutínio do círculo Fora da Europa por parte da Assembleia da República que, depois de analisar o Projeto de Recomendação da EPM-CELP, contendo três medidas, elegerá a escola representante daquele círculo à Sessão Nacional no parlamento

português, a realizar-se nos próximos dias 4 e 5 de maio de 2020, em Lisboa.

Larissa Gil é já deputada experiente em discutir, criticar e defender medidas no Parlamento dos Jovens. No ano passado, ao lado de Luca Ambrosi, a estudante conseguiu convencer os seus pares a incluir uma das três medidas que levou na bagagem para Lisboa no projeto de lei final sobre salvamento e defesa dos oceanos, aprovado na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens. Na verdade, os dois deputados da EPM-CELP conseguiram fazer vingar, então, a sua ideia ambientalista e solidária, cruzando a defesa dos oceanos com o acolhimento de refugiados, contemplada na proposta “Criação de um serviço público de limpeza de praias em parceria com o programa de acolhimento de refugiados”. Já Bruna Prista é estreante na vida parlamentar efetiva, mas já teve experiência próxima pois no ano passado a aluna foi suplente eleita.

O Parlamento dos Jovens é uma iniciativa da Assembleia da República de Portugal que leva a cabo debates à escala universal onde quer que se fale a língua portuguesa. Participam nesta iniciativa as escolas portuguesas sediadas em Portugal, no círculo da Europa e no círculo Fora da Europa.

Alunas da EPM-CELP garantem presença no PAYLP nos EUA

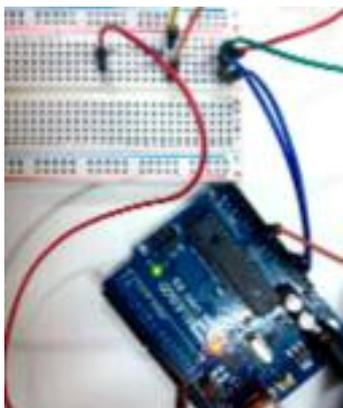
Roda Nhangave e Karen Mimbir, alunas do “12.º C” da EPM-CELP, foram selecionadas para representar Moçambique no Programa de Liderança Juvenil Pan-africana (PAYLP, sigla em inglês) nos EUA. A dupla, que concorreu a título individual e mercê de esforço próprio, vai defender naquele país, entre 4 e 25 de abril próximo, ideias em torno do empreendedorismo, educação cívica, liderança de jovens, desenvolvimento económico e respeito pela diversidade.

Inspiradas pelo sucesso que experimentaram na 17.ª edição da JoMUN19 (Modelo das Nações Unidas), realizada em Joanesburgo, na África do Sul, sobretudo na relação argumentativa em língua inglesa com estudantes de todo o mundo, Roda Nhangave e Karen Mimbir levarão na bagagem vivências de liderança e de exercício de cidadania colhidas em vários projetos na EPM-CELP.



Para a sua participação no programa, Roda explicou que, enquanto a sua colega escolheu abordar a temática do “trabalho e exploração infantis”, ela está focada na problemática “raparigas na educação” e “casamentos prematuros”, aliada aos “problemas ambientais e reciclagem”. Os resultados que vierem a obter no programa PAYLP devem, impreterivelmente – diz o regulamento –, ser colocadas em prática, após o retorno a casa, no país de origem, para provocar mudanças positivas no país.

As nossas alunas integram um contingente de 50 jovens e adultos africanos participantes no PAYLP, cujo objetivo essencial é a promoção da troca de experiências socioculturais em torno da temática central durante três semanas nos EUA.



Satélite da EPM voará em Portugal

Alunos da disciplina de Física das turmas A1 e A2 do 12.º ano da EPM-CELP participam na 7.ª edição do "CanSat Portugal", um projeto educativo do ESERO (European Space Education Resource Office) Portugal, organizado pela Ciência Viva e pela Agência Espacial Europeia (ESA).

O concurso é promovido com o objetivo de desafiar os estudantes do ensino secundário do sistema educativo português a projetar e a construir um modelo funcional de um microssatélite com as mesmas dimensões de uma lata de refrigerante, objeto e formato que inspirou a designação inglesa "CanSat", ou seja, satélite de lata.

Apesar de não ter sido selecionada para o lote de 15 escolas finalistas do universo de 40 concorrentes, no escrutínio de 6 de janeiro, a equipa da EPM-CELP mereceu convite excepcional dos membros do júri para participar na final do "CanSat Portugal 2020", em Ponte de Sor, prevista para o período de 30 abril a 3 de maio de 2020.

Para a concretização do "odisseia" espacial, os nossos alunos planificaram e elaboraram um projeto submetido ao júri de avaliação do concurso, em dezembro de 2019, contemplando os processos para a implementação técnica, científica e prática da construção do aparelho voador. Para cumprir a sua missão científica, para além do respetivo paraquedas o artefato inclui uma antena emissora, bateria e sensores constituintes do sistema de comunicações do satélite com a sua estação em terra. A experiência consiste em recolher dados científicos através da medição da temperatura do ar, da pressão atmosférica e da transmissão por telemetria dos parâmetros recolhidos para a estação terrestre, pelo menos uma vez por segundo.

Durante a prova final que terá lugar em Portugal, o satélite será projetado através de um foguetão que alcançará um quilómetro de altitude, devendo aterrar de forma se-



gura, concluindo um percurso que cumpre as etapas de um projeto espacial real.

Como declarou o professor de Físico-Química, Pedro Santos, o envolvimento dos nossos alunos na final deste concurso, embora formulado por convite de cortesia, é uma iniciativa pioneira que dignifica a nossa instituição, na medida em que contribui para o conhecimento, competências informáticas e eletrónicas dos alunos, no âmbito do ensino da Física, sobretudo tendo em conta que muitos pretendem prosseguir estudos superiores na área da engenharia. "Os alunos mostram-se satisfeitos com os resultados alcançados e continuam a desenvolver os últimos preparativos, que implicam investimento adicional de tempo de permanência na escola para além da sua carga horária normal", referiu o docente.

Para o aluno Frederico Lam, o desenvolvimento do projeto de construção do satélite exigiu a constituição de grupos de trabalhos, observando os critérios estabelecidos para o concurso, a investigação de materiais para as áreas técnica e do desenho do próprio satélite. Associado ao reforço dos conhecimentos científicos, o convívio com os colegas propiciou o desenvolvimento de novas experiências e descobertas sobre a identidade de cada um dos

membros, referiu o aluno, que admitiu ter gostado muito da ideia do concurso.

A oportunidade de participar no projeto é, para o aluno Diogo Serra, a continuidade das aprendizagens da disciplina de Física, enaltecendo a convivência social favorecida pela interação tanto entre colegas assim como com os membros da ESERO.

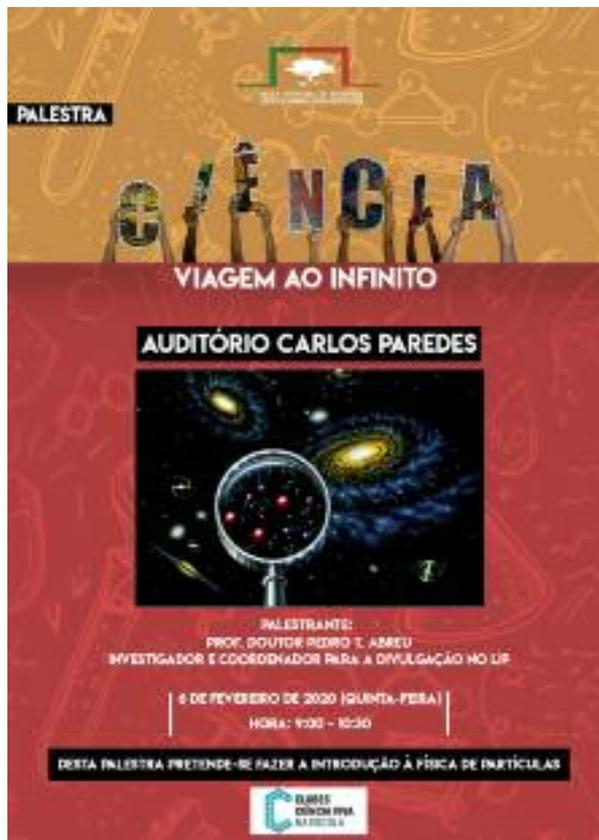
"Gostei de participar no projeto, porque aprendemos uma nova linguagem para programar sensores e o próprio satélite. Trata-se de uma experiência nova na escola. Sinto-me mais próxima dos meus colegas com quem converso mais sobre coisas atuais. Programar satélites envolve fórmulas e conceitos já abordados nas aulas, procurando aprender por nós próprios, embora com o apoio do professor", revelou a aluna Raissa Omargee, destacando também o espírito colaborativo no seio da equipa.

O coordenador do ESERO Portugal, João Dias, revelou que o trabalho dos alunos da nossa Escola mereceu a máxima atenção e análise do júri, assinalando todo o empenho e dedicação demonstrados. Mas, acima de tudo, João Dias apreciou o envolvimento de alunos de Moçambique pela primeira vez no concurso, manifestando a expectativa de contar com a EPM-CELP nas próximas edições do CanSat.



Palestras científicas no Auditório Carlos Paredes

Alunos "viajaram" para o infinito

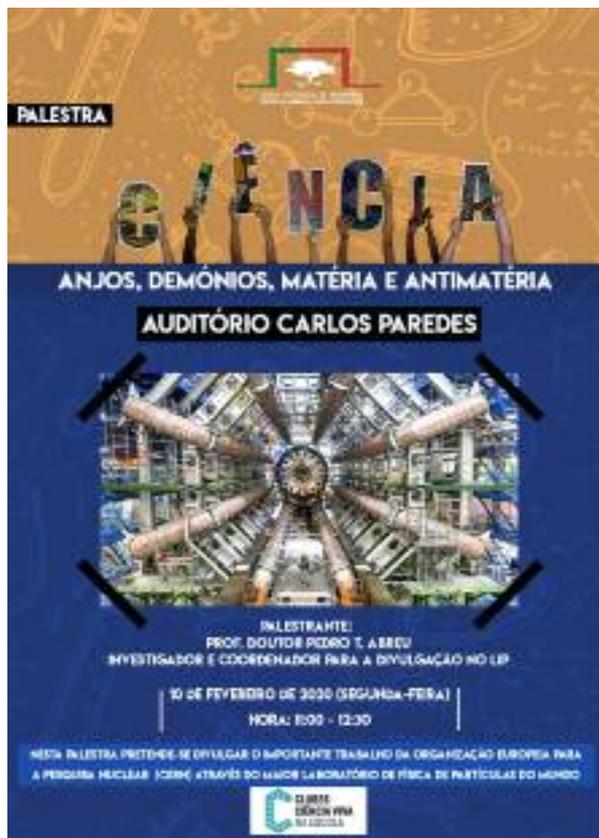


A aula-palestra, dirigida pelo investigador português do Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP) e professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal), Pedro Abreu, suscitou curiosidades, estimulou conhecimentos e aguçou o espírito crítico dos estudantes, que corresponderam à lição com perguntas e explicações.

A intervenção de Pedro Abreu consistiu em esclarecer como se formam as estrelas e as galáxias, passando pela evolução do universo na sequência do “Big Bang”, antes do qual “ninguém sabe de nada”, ressaltou o professor. Segundo explicou o coordenador para a divulgação científica no LIP, a palestra foi de caráter pedagógico e não científico com o intuito de reforçar a vontade dos alunos em aprenderem, mais do que reterem factos científicos. O objetivo foi cumprido pois “os alunos mostraram-se ansiosos e interessados em aprimorarem o conhecimento geral sobre o funcionamento do universo”.

Pedro Abreu sublinhou que o conhecimento é essencial para todos os processos de decisão, independentemente da área de atuação, podendo influenciar importantes medidas político-sociais. “Muitas pessoas não questionam porque não têm conhecimento. E só superamos isso quando mudarmos a mentalidade. Desta forma, é importante educar as pessoas para a ciência. Não que eu queira que todos sejam cientistas, não. É preciso que eles pensem de modo científico. Mesmo um músico quando for votar sobre ciência precisará de conhecimentos básicos”, esclareceu Pedro Abreu.

Sónia Pereira, coordenadora do projeto “Mãos na Ciência” e professora de Ciências Físico-Química, afirmou que a aula de Pedro Abreu faz parte de um ciclo de palestras promovido anualmente na nossa Escola, cujo objetivo é estimular o conhecimento, a curiosidade e o espírito crítico dos alunos. Ou seja, “saber distinguir informação certa da errada e saber tomar decisões conscientes.”



Matéria e antimatéria em colisão

O investigador português do Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP) e professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal), Pedro Abreu, palestrou sobre a física, as suas partículas e a evolução do universo.

Subordinada ao tema “Anjos, demónios, matéria e antimatéria”, a apresentação incidiu, sobretudo, nas pesquisas sobre átomos de antimatéria, no filme “Anjos e Demónios” e no legado da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN), juntando, no mesmo espaço, alunos do ensino secundário e professores da EPM-CELP, da Universidade Eduardo Mondlane e da Escola Francesa de Maputo.

Tão incisivo quanto científico, Pedro Abreu começou por contextualizar os presentes sobre a elaboração da equação que, posteriormente, levou à descoberta da existência da antimatéria pelo físico teórico britânico Paul Dirac, em 1930, e, um ano

depois, de Raios Cósmicos por Carl Anderson, isto em 1931. Com recurso a uma apresentação multimédia, o cientista – que esteve na nossa Escola a desenvolver um ciclo de palestras para professores e alunos – explicou que a formação dessas antipartículas “é criada a partir de colisão entre partículas de alta energia”, disse o professor, assumindo que “nós só conhecemos cinco por cento do universo”.

A partir das investigações feitas, Pedro Abreu afirma que a antimatéria, apesar do seu aspeto próximo da matéria, tem carga elétrica oposta e quando se cruza com outra unidade colapsa, libertando energia.

Pedro Abreu falou também do filme “Anjos e Demónios”, de 2009, e os casos reais e fictícios existentes na trama. O filme foi gravado no CERN e, segundo disse, de forma desajustada e exagerada, apropria-se de situações incomuns para contar a história.

Na Conferência Europeia OSOS

Alunos expõem novo conceito de alimentação

“Seleção e Armazenamento de Vegetais: um novo conceito de alimentação” é o nome do trabalho da autoria de 13 alunos do 12.º ano do ensino secundário da EPM-CELP, exposto, a 14 de fevereiro último, na Conferência Europeia Escolas Abertas para Sociedades Abertas (OSOS, sigla em inglês), no Pavilhão do Conhecimento em Lisboa, Portugal. A mostra, desenvolvida na disciplina de Química no âmbito do projeto “Mãos na Ciência” e da Rede de Clubes de Ciência Viva na Escola, partilhou o espaço com outras 99 de diversas escolas portuguesas.

Devido à impossibilidade dos nossos alunos se deslocarem a Lisboa, a ex-professora da EPM-CELP, Margarida Duarte, a residir em Portugal, fez a defesa do projeto. De acordo com Sónia Pereira, coordenadora do projeto “Mãos na Ciência” e professora de Físico-Química na nossa Escola, a importância do projeto OSOS não se limita à partilha de experiências pois o mesmo fomenta a responsabilidade e o desenvolvimento de uma cidadania responsável. Por exemplo, neste trabalho os alunos de Química do 12.º ano detetaram que, em Moçambique, 44 por cento das crianças (dos zero aos cinco anos de idade) sofrem de desnutrição crónica e que na Reserva Marinha Parcial da Ponta do Ouro a população local manifesta carências nutricionais.

O trabalho exposto em Portugal foi desenvolvido numa das escolas de Matutuine, onde se estimulou a substituição da refeição habitual de farinha de milho simples por uma enriquecida com a junção de mandioca, milho, feijão-nhamba e moringa. Sónia Pereira contou que, paralelamente, os alunos colaboraram com a Universidade Eduardo Mondlane para desenvolverem um método de conservação através de uma estufa para desidratação solar. “A estufa servirá não só para desidratação de vegetais (“xima” enriquecida), mas também para frutos (banana, papaia e manga). Note-se que a maioria dos elementos da comunidade-alvo (crianças e adultos) consome em média uma refeição de xima por dia, restringidos, assim, aos nutrientes existentes no milho”, explicou Sónia Pereira.



Ainda sobre o projeto dos estudantes Bibiana Chairuca, Luana Rossini, Mariana Andrade, Shelton Fenhane, Solange Caravela, Winnie Laisse, Yassir Yassin, Beatriz Silva, Bruna Chaves, Dulce Mijares, Ly-n Tenreiro, Rodrigo Oliveira e Nicole Cuambe e seu impacto naquela comunidade, a coordenadora do projeto “Mãos na Ciência” revelou que os estudantes “acreditam que a iniciativa poderá melhorar a gestão de excedentes agrícolas, aumentar a gama nutricional e, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo, intelectual e motor da população”, disse.

O projeto OSOS faz parte do Centro de Ciência Viva e tem como principal objetivo implementar, em larga escala, um processo de transformação das escolas em ecossistemas inovadores de aprendizagem, atuando como espaços multidisciplinares para a aprendizagem das ciências. Prevê, ainda, o envolvimento de 100 escolas a nível nacional, em que os alunos, desde o primeiro ciclo do ensino básico até ao ensino secundário, são encorajados a desenvolver projetos multidisciplinares que tentam dar resposta a problemas concretos da sua comunidade.

Alunos da EPM-CELP premiados no concurso internacional “MyMachine”

Quatro alunos do quarto ano do ensino básico da EPM-CELP foram distinguidos no concurso internacional “MyMachine Dreams”, o qual pretende valorizar o sonho de estudantes de escolas primárias, secundárias, técnicas e universitárias de todo o mundo. Os nossos alunos António Pedro (5.º A) e Gabriel Teixeira, César Miguel e Alesha Arif (todos do 5.º B) fazem parte de um grupo de 15 estudantes de escolas do México, Equador, África do Sul e Índia selecionados, em novembro de 2019, pelos seus melhores trabalhos de imaginação.

A participação dos nossos alunos no certame foi preparada no contexto da disciplina de Educação Tecnológica, sob coordenação da professora Rita Pereira. Gabriel Teixeira expôs, em desenho, a ideia do “Ar Condicionado Mágico” para trazer alguma luz no escuro e um pouco de resfriamento do ar. António Pedro projetou a “Trotinete Limpadora”, a qual pode ser usada para limpar o chão de



forma divertida. A “Caixa Secreta”, da autoria de César Miguel, foi inventada pela necessidade de as pessoas terem “uma caixa onde possam ter alguns segredos guardados ou objetos pessoais”, explicou o aluno.

Fundada a partir da ideia de tornar os sonhos das crianças cada vez mais concretizáveis, a organização “MyMachine Dreams” busca estimular a criatividade e inovação na educação, capacitando os alunos com competências para intervirem no contexto onde se inserem, pensar o território, identificar claramente um problema ou necessidade e, na sequência, construir ferramentas capazes de resolver o problema. Implementado em diversos países, o projeto “MyMachine Dreams” tem como objetivo promover as áreas científicas e tecnológicas do saber, através de metodologias colaborativas entre crianças e o ensino universitário, transformando ideais de máquinas em realidade.



Vitórias e derrotas fazem o caminho do sucesso

As equipas do desporto escolar da EPM-CELP entraram no segundo período do ano letivo 2019/2020 inspiradas pelo espírito de superação em campo, nas várias modalidades desportivas em que estão envolvidas. Nos jogos realizados em janeiro e fevereiro, os “epmianos” estiveram sempre “dentro” dos jogos com alegria e competências desportivas no limite, consolidadas entre empates, derrotas e várias vitórias.

BASQUETEBOL

Na “bola ao cesto”, embora tenha sofrido logo no início duas derrotas, a equipa sub16 da EPM-CELP teve comportamento meritório e muito proveitoso na jornada competitiva do dia 25 de janeiro, na Escola Americana Internacional de Maputo (AISM). Frente à Escola Trichardt (TSCE), a nossa Escola resistiu a primeira parte do jogo, impondo um empate até ao intervalo. No reatamento do jogo, com apenas seis jogadores em campo, devido à ausência inesperada de outros elementos, a nossa equipa rendeu-se ao cansaço, perdendo discernimento tático e cedendo vantagem ao adversário, que, assim, logrou vencer por 32-18.

Frente aos “americanos”, no segundo jogo da manhã, a nossa equipa discutiu detalhadamente o resultado durante todo o encontro, apesar da limitação de recursos no banco de suplentes, reduzido a um jogador. Ainda assim, a última oportunidade do jogo para pontuar coube à nossa equipa que, em duas tentativas consecutivas, a escassos segundos do fim do tempo regulamentar, não conseguiu, em contra-ataque sem oposição, o cesto que brindaria a equipa com uma vitória. Desta forma, o encontro terminou com a vitória dos “americanos” por 16-15.

FUTSAL

No futsal, a nossa equipa de sub12 masculina, participou, no dia 8 de fevereiro, no

torneio realizado na AISM. Em dois jogos, os “epmianos” venceram os homólogos do TSCE, por 4-3, e a escola anfitriã por 4 -2. Na mesma senda, a nossa equipa feminina do mesmo escalão participou com empenho e entusiasmo na competição, tendo, igualmente, vencido o TSCE, por 6-0, e perdido frente à AISM por 4-1.

Ainda naquele sábado, a equipa sub18 masculina da EPM-CELP empatou a um golo o jogo perante a AISM.

A 22 de fevereiro, o escalão S12, em femininos, participou no torneio de “futebol 7”, organizado pela AISM, no qual, apesar do imenso calor, do desfalque ao nível de substitutos e terem confrontado adversárias maioritariamente mais velhas, as sete jogadoras da nossa Escola conseguiram assumir a meritosa terceira posição. O orgulho foi também assumido pelos masculinos, que, em jogo, realizado no mesmo dia, levaram a medalha do segundo classificado.

Ainda no dia 22, o sub 14 jogou frente as suas congéneres da AISM, da Escola Internacional de Maputo e da Escola Sul Africana. Ao contrário do que aconteceu na última visita ao reduto, os jogos no correram de feição: a EPM-CELP saiu derrotada nos três encontros que realizou.

VOLEIBOL

No dia 22 de fevereiro, depois da falta de comparência do Clube 12 de Outubro no jogo contra a nossa Escola, no escalão S14 e S18, a organização da EPM-CELP orientou um torneio interno guiado por três momentos. O primeiro consistiu na realização de um confronto de voleibol (4x4), envolvendo equipas heterogéneas (com elementos masculinos e femininos de ambos os escalões), com fases de grupo e final, onde jogavam os primeiros, os segundos e os terceiros de cada conjunto entre si, onde os

alunos passaram pela situação de praticantes e juizes.

No segundo momento, os escalões etários separaram-se e subdividiram a equipa S14, em duas, para a realização dos “sets”. E os S18 ficavam-se na realização de jogos entre masculinos e femininos. Por fim, na última sessão, a equipa S18, constituída por professores e outros elementos, realizou jogos com dois “sets”, garantindo experiências competitivas que contribuíram indubitavelmente para a aprendizagem e desenvolvimento técnico-tático dos alunos em situação competitiva.

NATAÇÃO

A 15 de fevereiro, a nossa Escola, representada pelos alunos Ricardo Costa, Rita Reis, Martim Felício, Iane Mosca e Vera Silvério, ocupou todos os lugares do pódio, tanto nas provas individuais como nas coletivas, na primeira edição do “Torneio de Natação para Estabelecimentos Educacionais” de Moçambique, realizado na piscina Raimundo Franisse sob organização da Associação de Natação da Cidade de Maputo (ANCM).

BADMINTON

Catorze alunos da EPM-CELP participaram, a 29 de fevereiro, no torneio interno de Badminton, na prova de singulares, seniores e homens. O encontro permitiu com que os alunos fizessem a promoção do espírito desportivo entre todos os atletas, tendo-se destacado os seguintes: Singulares Seniores: 1ª Classificada - Leonor Silva - 9ºD; 2ª Classificada - Gabriela Campos - 8ºD; 3ª Classificada - Rita Costa - 8ºE; Singulares Homens: 1º Classificado - Guilherme Rasteiro - 8ºE; 2º Classificado - Yurival Zefanias - 8ºE; 3º Classificado - José Fernandes - 8ºD.

Ana Domingues e Melyssa Rocha CAMPEÃS DE MOÇAMBIQUE

Ana Beatriz Domingues (6.º D) e Melyssa Rocha (8.º D), alunas da EPM-CELP, sagraram-se, mais uma vez, campeãs nacionais de Moçambique em natação, nos escalões infantil e juvenil, respetivamente. Os títulos foram conquistados no decorrer do Campeonato Nacional de Verão, que decorreu de 29 de janeiro a 1 de fevereiro na Piscina Olímpica do Zimpeto, e garantem a presença das atletas na seleção nacional que vai representar Moçambique no Campeonato Africano de Natação (CANAN), de 20 a 23 de fevereiro, em Gaborone, capital do Botsuana.

Para além da dupla vencedora, 25 alunos da EPM-CELP disputaram, com mérito, a competição no Zimpeto, representando, na sua maioria, as cores do Clube Naval de Maputo. Recorde-se que em 2019, Ana Beatriz Domingues e Melyssa Rocha foram sagradas campeãs nacionais, a par de Hugo Dias, que deixou recentemente a nossa Escola, feitos registados na reportagem “Os segredos dos nossos campeões”

publicada na edição 108 da nossa revista “O Pátio”, a qual assinalou os êxitos desportivos e académicos, em simultâneo, daqueles alunos.

Ana Beatriz Domingues, atualmente com 12 anos, começou a nadar aos sete e só entrou para os “federados” do Clube Naval de Maputo aos nove, em 2017, quando, segundo narrou, “já sentia que estava em condições de mostrar as minhas habilidades”. Para seu gáudio, em 2017, conquistou, para além de muitas medalhas e lugares de pódio em diversas competições nacionais e internacionais, os títulos de campeã nacional de inverno e de verão, em representação dos “navalistas”.

Melyssa Rocha, por sua vez, começou a sua carreira em 2009, quando tinha apenas dois anos, começando a dar as primeiras braçadas numa piscina residencial, com auxílio da sua treinadora. Entrou para o Clube Naval em 2013 e em 2019 amealhou o título de campeã nacional de natação



Venda de crepes ajuda a promover leitura em Inhambane

Dezenas de alunos de quatro turmas do oitavo ano do ensino básico da EPM-CELP realizaram, a 5 de fevereiro último, sessões de venda de crepes com vista à angariação de fundos para o projeto de cooperação entre o “Mabuko Ya Hina” e escolas do sistema de ensino moçambicano, concretamente para a criação de maletas de leitura destinadas a escolas da província de Inhambane. A atividade, integrada nas celebrações do “Chandeleur” ou simplesmente “a festa dos crepes”, foi orientada pelos professores de Francês.

A feira dos crepes é já uma tradição na EPM-CELP e a edição deste ano reforça, para além das aprendizagens associadas à sua confeção e ao respetivo contexto histórico-cultural, o desenvolvimento de atividades de promoção da leitura nas escolas do sistema de ensino de Moçambique, dinamizadas pelo projeto “Mabuko Ya Hina”, liderado pela nossa Escola.

Durante os intervalos da manhã do dia do evento, as vendas foram feitas pelos alunos das turmas “A” e “D”, auxi-



liados por estudantes que frequentam a sala do Ensino Estruturado, e, à tarde, pelos das “B” e “C”, numa atividade dirigida a toda a comunidade escolar.

“La Chandeleur” é uma tradição francesa que envolve a confeção e degustação

de crepes, muito apreciadas na gastronomia europeia, nomeadamente. Celebra-se anualmente a 2 de fevereiro e consiste na confeção de panquecas com a farinha do ano anterior, um símbolo de prosperidade para o ano seguinte.

A par com a atualidade científica

Formação na área científica, interna e externa, marcou a atividade do Centro de Formação da EPM-CELP nos dois primeiros meses de 2020. Para dentro dirigiu a ação “Atualização de Física Moderna e Aplicações à sociedade: Física Médica e Computação” aos professores do Departamento de Ciências Exatas e Experimentais e para fora o módulo “Ensino das Ciências, Ambiente e Saúde” destinado aos docentes da Escola Primária Completa da Ponta do Ouro.

Onze professores da Escola Primária Completa da Ponta do Ouro beneficiam, desde 8 de fevereiro, de formação nas áreas de educação para a saúde e ambiente, bem como em ciências naturais. As sessões de capacitação, ministradas por docentes da nossa Escola, enquadram-se no âmbito da parceria entre a EPM-CELP, a Reserva Marinha Parcial da Ponta do Ouro (RMPPPO) e a Escola Primária Completa da Ponta do Ouro.

Assinado em junho de 2019, o protocolo visa a implementação de um programa educativo de partilha de saberes e experiências, o qual contempla, entre outras ati-



vidades, visitas de estudo, observação de ecossistemas naturais e eventos culturais, desportivos, científicos e de voluntariado.

A ação “Atualização de Física Moderna e Aplicações à sociedade: Física Médica e Computação” foi ministrada por Paulo Abreu, investigador português do Laboratório de Instrumentação e Física Experimental

de Partículas (LIP) e professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal) e dirigiu-se aos professores de Matemática, Físico-Química e Ciências Naturais da nossa Escola, aos quais serão creditadas 25 horas de formação reconhecida pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua da Universidade do Minho (Portugal).

MOMENTOS EPM-CELP





Sérgio Veiga valoriza o ambiente em "As aventuras de Matoco"

No seu mais recente trabalho literário, o mergulhador e escritor Sérgio Veiga expõe, sob o nome de Francisco, a sua vida enquanto ser versátil, produzindo imagens consciencializadoras da valorização da natureza. O livro de contos, "As aventuras de Matoco", foi lançado no passado dia 13 de fevereiro no átrio central da EPM-CELP, perante uma plateia composta por dirigentes, professores e funcionários da nossa Escola, bem como do ilustrador Luís Ofício Cumbane, familiares e amigos.

Explorando uma versatilidade temática – que começa pelas razões que levam o protagonista Francisco a viver na Ilha de Inhaca, aos 60 anos, depois de ter percorrido todas as províncias de Moçambique -, o livro narra as emoções de aventuras de Francisco, Matoco e Mungano na natureza, no mato e no mar, em episódios como "O pesadelo da cobra", "O peixe diabo", "O elefante problemático", "As histórias do mato têm de ficar no mato" e "O tubarão branco e a jamanta".

Composto por 91 páginas, divididas por seis capítulos, a obra "As aventuras de Matoco" pretende ser uma celebração da vida, da paixão pela natureza e seus constituintes, da amizade, lealdade e, sobretudo, de proezas, de modo a transformar a vida, aos 60 anos, num diálogo entre o passado, o presente e o futuro. Ou seja, com esta obra, Sérgio Veiga convida os leitores à reflexão sobre a nova identidade e ações, visando a preservação da natureza, da paz e da felicidade.

"Francisco construiu uma cabana na ilha da Inhaca, que não é apenas uma cabana, mas sim uma oportunidade de nos dar a conhecer Matoco que, sendo um veículo da sua imaginação, nos leva até às suas estórias para nos ensinar a conviver com a natureza", escreveu Manuel Nhaca, aluno da nossa Escola autor do

prefácio do livro. Francisco vê a Ilha da Inhaca como uma oportunidade de se dar, a si mesmo, uma nova vida depois de perder Maria, sua esposa, que faleceu sem lhe deixar herdeiros. "Há alguns anos atrás, Francisco, fiel às suas convicções, foi para o arquipélago da Inhaca com a finalidade de escolher um sítio para passar o tempo que restava de vida", narrou o escritor, introduzindo a plateia na narrativa.

Na cerimónia de lançamento, familiares e amigos do autor partilharam suas diversas visões e histórias sobre a vida e obra de Sérgio Veiga. Larissa Gil, aluna do "9.ªA" da nossa Escola, por exemplo, apresentou o livro, revelando ter encontrado "muita coisa que não sabia", acrescentando que "As Aventuras de Matoco" lhe revelaram "o outro lado de Moçambique, aquele que quase ninguém vê". Mais do que desmitificar passagens da obra, a estudante aguçou a curiosidade da plateia através de questionamentos sobre as personagens e as intenções não claras do livro.

Dina Trigo de Mira, presidente da Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP, não tem dúvidas que o livro "As aventuras de Matoco" serve de ponto de reflexão sobre a problemática do ambiente no mundo, particularmente em Moçambique. Ou seja, "este livro realça, de sobremaneira, os passos da nossa Escola na consciencialização e valorização do meio ambiente", referiu a dirigente.

O tom informal que envolveu a apresentação da obra conferiu à cerimónia um carácter familiar. Alunos do nono ano do ensino básico da nossa Escola dramatizaram o conto do livro, consciencializando a plateia sobre a valorização do ambiente, e exibiram fotografias das suas aventuras na casa de Sérgio Veiga, na Ilha de Inhaca.

Na ponta da língua

Espaço literário preenchido com textos livre e espontaneamente escritos por alunos da EPM-CELP

A RUA DE S.MARTINHO

MARIA MORANGO (11.ºA1)



Era terça-feira e eu estava a descer a Rua de S. Martinho a caminho da universidade. Parei numa loja de doces e comprei alguns rebuçados, rebuçados que me faziam lembrar a minha infância.

Ao sair da loja eu vi-o, com um andar apressado e atrapalhado. Era o meu antigo vizinho. Quando éramos pequenos brincávamos imenso, corríamos ladeiras acima e ladeiras abaixo juntos, íamos para a escola juntos e comprávamos os mesmos rebuçados que eu comprei naquela terça-feira.

Eu conhecia-o bastante bem. Era aquele tipo de rapaz amigo, quase como um irmão mais velho, disposto a fazer tudo para me proteger. Ele também me conhecia bastante bem, demasiado bem até... eu contava-lhe tudo, ele sabia tudo, desde as minhas melhores aventuras até às minhas piores asneiras.

Passámos uma infância e uma adolescência incrível um ao lado do outro, mas infelizmente acho que ele já nem me conhece e para ser sincera não sei se ainda o conheço. Enfim... foi trá-



gico tudo o que ele passou, com a morte da mãe e a demência do pai, ninguém merece... Eu tentei ajudá-lo, mas ele fechava-se cada vez mais e quando teve de se mudar, com o pai, para outra cidade, nunca mais foi o mesmo e ele deixou de me responder.

Fiquei surpreendida ao vê-lo ali, «O que estará ele a fazer aqui? E com tanta pressa?». Atravessei a rua e, antes de perder a coragem, chamei por ele. Ele olhou para mim muito espantado, no início pareceu não me reconhecer, mas depois apareceu um brilho naquele olhar e um sorriso encantador no seu rosto. Abraçou-

me, disse o meu nome e confessou que tinha imensas saudades minhas. Achei um pouco hipócrita, pois se tinha tantas saudades, podia, pelo menos, ter respondido às minhas chamadas. Mas parei de o julgar, assim que reparei que ele não parecia muito bem.

Estava magro, a cara pálida e usava um casaco enorme com mangas compridas. Perguntei se ele não sentia calor, ele hesitou e respondeu que não. Obviamente estava a mentir. Ocorreu-me tanta coisa à cabeça naquele momento... fiquei calada, passei segundos sem dizer uma simples palavra, apenas a digerir o que estava a observar. Senti então uma mão a tocar-me no ombro e a chamar-me de volta à terra. Era ele com uma leve expressão de preocupação. Não parecia estar mais com pressa.

Perguntou-me como eu estava, como estavam os meus pais e como corria a universidade. Eu respondi a tudo, mas não tive coragem para lhe fazer as mesmas perguntas. Ofereci-lhe então um rebuçado, e foi aí... foi aí que eu vi. Vi o que ele tanto escondia debaixo daquelas mangas compridas. Os braços dele estavam cobertos de marcas de droga e cicatrizes paralelas aos ossos do pulso. Fiquei em choque, como se um raio me tivesse traspassado o corpo. Ele fingiu que não percebeu a minha expressão, agradeceu o rebuçado, disse que estava com pressa, deu-me um beijo na bochecha e foi-se embora. Foi embora com a mesma pressa de quando eu o vi do outro lado da rua, do outro lado da rua de S. Martinho.

AS BOLACHAS DE CHOCOLATE

MARIA JOÃO TEIXEIRA (11.ºA1)



Só outra segunda-feira, mais normal não poderia ser, casa-escola-casa, lá sabia eu que isto iria tornar-se numa experiência para além do invulgar, nem sei como o descrever...

Depois de umas dolorosas e intermináveis dez horas de escola, lá vou eu comprar as típicas bolachas de chocolate, para ver se encontro alguma motivação para estudar. Lá a descer a rua de S. Domingos, sombria e tristonha pela quantidade de prédios antigos, outrora belos, mas sem qualquer tipo de intervenção há quase um século, e muito movimentada como sempre, dado a quantidade de lojas e mercadinhos que por lá imperam, quando vejo, ao longe, uma cara conhecida.

Era a Inês, com o seu cabelo meio liso meio encaracolado a esvoaçar, a sua superconhecida T-shirt com a frase motivadora "Let it be". Trazia um conezinho de gelado na mão que ia desaparecendo deliciosamente.

Notei que algo estava diferente nela, podia ser o seu modo de andar, o facto de ela ter olhado para mim e escondido a cara com o cabelo e não me ter dirigido a palavra. Ao início não percebi, mas depois reparei que ela trazia uma trela. Nada de suspeito se fosse o seu cão,



mas o que estava preso à trela não era tão fel-pudo, não caminhava em quatro patas, não era castanho nem pequenino. Era a irmã dela! A Marta! Pestanejei várias vezes não fosse estar a sonhar. Pensei, para comigo, "Pronto, o mundo enlouqueceu ou o mais provável, eu enlouqueci. Bem me pareceu que aquelas bolachas ao custarem noventa meticais tinham de ter algo de errado". Eu sabia que a Inês dizia que a irmã era insuportável, mas chegar ao ponto de lhe pôr uma trela? Não conseguia tirar aquela imagem da cabeça... então corri em direção àquela situação caótica.

Chegando lá, constatei que era mesmo a Martinha, na trela, conversando calmamente com a Inês sobre os presentes que ia pedir ao pai no natal. Desapertei a trela do pescoço da pequena com tal desespero ao mesmo tempo que lhe perguntava se estava bem.

No momento em que larguei a trela, a Inês começou aos gritos, desvairadamente, porque o cão tinha fugido e a culpada tinha sido eu que o tinha soltado... que grande confusão, que pesadelo... "Inês, mas que cão? É a tua irmã." Dizia-lhe eu, tentando acalmá-la. Ela olhava para mim com horror, os olhos já não eram mais aqueles olhos doces que eu tão bem conhecia. Quando apontei para o lado, para a Inês ver a irmã, vejo o cão a meter-se por entre os carros e a desaparecer do meu olhar.

Num ápice tudo fica branco...

Adolescer, é doer? [2]



ALEXANDRA MELO *

A adolescência é, indiscutivelmente, aquela fase do nosso desenvolvimento mais rica e admirável, mas também aquela sobre a qual há, frequentemente, reações desagradáveis. Falar da adolescência é falar de um período de aproximadamente 6 anos (12-18), durante o qual, quase que dia-após-dia, vão surgindo as surpresas do adolescer com tremendas transformações tanto no campo físico como emocional. Não sei por quem começar no elencar dos autores envolvidos neste processo reativo, já que não há nada que me indique uma ordem lógica a atribuir. Na edição anterior falei no adolescer na perspectiva dos pais; agora fica aqui um olhar sobre o olhar e sentir dos professores, já que na escola é passada a outra “metade” da vida dos adolescentes, com a escolaridade obrigatória a estender-se até ao 12.º ano (alunos com 17-18 anos):

Na perspectiva da escola – Na escola encontramos os adolescentes a iniciar o 3º ciclo, num período etário em que a puberdade se instala, com todas as suas transformações hormonais a tornarem-se responsáveis por novas experiências que levam a uma busca desenfreada do prazer. Freud, para quem a personalidade é desenvolvida através da existência de estágios de desenvolvimento onde a busca do prazer se foca em diversas áreas erógenas, vê o último estágio como aquele onde se dá o amadurecimento dos interesses sexuais, tornando-se, igualmente, na força motriz do comportamento dos



Luisella Planeta Leoni por Pixabay

adolescentes. Nesta altura começa a intensificar-se uma grande preocupação com a imagem representando ela o garante da identidade de grupo: os penteados retocados, os perfumes em doses que não deixem ninguém na dúvida de que foram usados, as unhas com a cor e corte adequado, o estilo de colocar a “t-shirt” dentro das calças ou das saias do fardamento (fardamento esse que, para grande infelicidade sobretudo das meninas, não permite explorar os seus modelos de “passerelle”), as músicas, os fones e as séries da moda, as redes sociais com os desejados “likes” nas suas fotos publicadas em sinal de popularidade, o rapaz ou a rapariga que está “debaixo de olho” em sinal do reconhecimento dos seus atributos pessoais, tudo isto são elementos que cada adolescente carrega em si quando circula pela

escola. Nesta fase, com uma marcada “audiência imaginária”, os adolescentes vivem a preocupação da sua aceitação. A verdade é que todo este arsenal faz parte integrante da construção de uma identidade onde, pela similaridade, o adolescente constrói a sua singularidade. Ainda pela intensidade com que são sentidas as emoções da vida do adolescente, para o bem e para o mal, cada acontecimento vivido constitui uma “super tristeza” ou uma “super alegria”.

Esta pessoa que assim se constrói muito fortemente no espaço escolar, na interação com os pares que adora e os adultos que representam um mundo de agressão sobre os seus ideais, é também o aluno que aparece na sala de aula com todos os reflexos do seu percurso de adolescer na sua entrega ao processo de aprendizagem: mais ou menos concentrado, com mais ou menos alegria, com mais ou menos sofrimento, com mais ou menos expressão das suas emoções, com mais ou menos silêncio. É para a pessoa do aluno que o professor deve olhar por detrás daquele que tem sentado à sua frente, teoricamente para aprender, mas que nem sempre está lá para o fazer. O entendimento deste processo permitirá ao professor aproximar-se mais do seu aluno e ajudá-lo a dar o que ele tem de melhor. ensinar.

No livro “O Professor faz a Diferença”, de José Lopes e Helena Santos Silva (2011), lemos algumas orientações que são dadas de como o professor faz a diferença, e pode ler-se no subtítulo, na “Aprendizagem dos alunos, na realização escolar dos alunos e no sucesso dos alunos”. Para além das estratégias pedagógicas propostas, as orientações vão também para a necessidade de o professor possuir como características na sua pessoa, “uma escuta ativa, empatia, atenção e respeito pelos outros.” Os autores mencionam a importância da relação do professor com cada aluno, pois ela contribui para “melhorar o bem-estar socioemocional [do aluno]”. Entre seis orientações para aplicação na sala de aula, destaco aquela que senti como mais impactante na relação entre as duas pessoas, a do professor e a do aluno: “Aumentar a sensibilidade (detecção adequada, interpretação dos sinais do aluno, dar apoio e ser sensível à necessidade de bem-estar, do afeto e as interações positivas com os alunos adequada à interpretação dos sinais do aluno, Pianta et al, 2008). Se para todos os alunos estas orientações são válidas e de sucesso, para os adolescentes sê-lo-ão de forma mais significativa. Os adolescentes, se por um lado olham para os adultos como “inimigo a abater”, por outro lado sabem que não podem prescindir da sua presença para receberem as melhores orientações quando, na sua caminhada, encontrarem obstáculos assustadores perante os quais se sentem indefesos. O inimigo vira o protetor, cuja presença é vital!!!! Por outro lado, é também obrigação dos adultos suportar estes pequenos seres indefesos no seu percurso do adolescer, não raro doloroso, mas simultaneamente gratificante, com a certeza de que a dor de hoje será a maior vitória do amanhã!

* Psicóloga do SPO

Cidade fechada

Rogério Manjate



A cidade de Inhambane estava profunda de tanto silêncio.

Lembro-me agora que estou aqui à janela do oitavo andar a contar os pouquíssimos carros que descem e sobem a rua. Quem diria que esta cidade ficaria desprovida de horas de ponta já que desde ao meio dia até agora só contei 12 carritos.

Em Inhambane fiquei especado na rua principal de onde normalmente àquela hora se escutava das casas baixas, com as salas e quartos visíveis do passeio, o mastigar de comida, o mijo na pia, o ressonar dos homens e o suspiro das mulheres, enfim. Mas nessa noite, nada! Só o silêncio.

Percorri a rua principal e a cidade não tossia nem gemia, não se ouvia o chiar de nenhuma cama. Onde pára a gente desta cidade num sábado destes? A fome guiou-me ao restaurante mas bati com a cara na tabuleta dos horários à porta: Aberto de segunda a sábado, das 10 às 23 horas. Meu relógio marcava 21.45. Ou será que já é domingo? Não acreditava que tivesse dormido sábado e domingo inteiros. Não havia a quem perguntar.

De repente os meus pés puseram-se a deslizar rua abaixo, na direcção daquele restaurante onde mais tarde, ao fim-de-semana, afastavam-se as mesas e virava discoteca.

O restaurante discoteca tinha uma corrente e barra de ferro a segurarem a porta de grades. Mas que Inhambane é esta, onde andarão as pessoas?, perguntava-me indignado. Descubri um homem quase invisível dormindo entrevado na cadeira. Era o guarda. A casa não ia abrir e indicou-me um outro lugar à saída da cidade; as rodas da minha fome começaram a deslizar. O guarda ainda quis meter conversa, mas eu já estava acelerado.

— Vai chover e vai estragar a festa .

Olhei para o céu, só estrelas.

Finalmente, ao longe via raros vultos de gente, como fantasmas brincando às escondidas, por mais que me apressasse nunca os alcançava. Quando cheguei ao final da rua,

dei-me conta que podia ter perguntado ao guarda se era sábado ou domingo. Mas se fala em chuva numa noite estrelada, então dirá que já é segunda-feira, consolei-me.

No terceiro restaurante as luzes estavam acesas, mas as mesas da esplanada vazias. Tive a sensação de que acabava de chegar à Xai-Xai e precisava de me revirar no sofá porque alguma me dava cabo das costas. As ruas da cidade continuavam desertas.

— Isto é sábado ou domingo?!

Para onde foram as pessoas da cidade? Parecia um filme de ficção científica. Ou será que eu estava morto?

Lembrei-me do Paraíso, o único bar que não fechava. Andei tanto, tanto, Inhambane virou um labirinto de repente. Foram horas a caminhar. Nunca mais chegava ao Paraíso. Não conseguia entender.

Decidi desistir. Mas tudo que havia à minha frente era um beco, escuro. Não sei onde arranjei a coragem com que me meti naquele breu. Dei comigo no Paraíso. Assim mesmo, como quem chega ao inferno. Mas não é que o Paraíso confirmava a cidade fechada? Nem uma alma penada para me consolar.

De um momento para o outro comecei a ver pessoas aqui e ali. Não compreendia nada. Lei seca não era,

porque os pouquíssimos fantasmas que passavam por mim estavam bêbados de cair para... Liguei para o Chico pela enésima vez e era apenas “neste momento não é possível estabel...”.

Meia-noite e meia. Dei comigo sentado no sofá. Mas não me lembrava de mais nada. Eu estava a acordar? Mas eu não estava a dormir ou estava? E como é que eu já sabia que o Chico e a Selma não tinham voltado.

Voltei à rua principal. As luzes de um carro da polícia andando devagar focava-me e, em seguida, a caminhar, vi-nham dois homens à frente de um casal abraçado, e mais outros três atrás destes. Ao passarem por mim percebi que era o camarada governador e esposa. Pouco tempo depois, o fundo da rua principal parecia uma parideira de gente. Apareceu tanta gente de repente, saindo do Ferroviário. Uns cantavam, outros discutiam, outros dançavam. Olhei para o céu, nem uma estrela. Lembrei-me do guarda e admirei-lhe a sabedoria. Do nada apareceu o Chico, amparado pela esposa. Tinha o casaco no antebraço, a gravata amarrada no pulso e os sapatos como luvas. Fiquei mais confuso ainda. Que fazes aqui sozinho?, perguntou-me a Selma. Donde vocês vêm respondi eu. E nisso o Chico

— Hoje era aniversário do camarada governador, hic...



Maaark por Pixabay

ah sim, tu vens da nação, não sabes nada daqui, hic... — ele parecia mas é ter a língua enrolada à pressão na cerveja. — Não sabes hic... Daqui da província. Comemos, bebemos hic... até cerveja à pressão havia, preta ou clara... hic... era sóhic... escolher.

Eis a razão da cidade fechada, o governador a passear com a esposa, à meia-noite, com cinco escoltas. Havia pão e circo na cidade de Inhambane!!!

— Toda a gente estava lá na festa — disparou Selma revolvendo a confusão de que era feita a minha cabeça, e nisso o Chico

— Então já imaginaste as eleições para o ano?

— Tu desde sexta-feira que desapareceste. Deixamos-te uma mensagem no telefone.

Levei a mão ao bolso lentamente como que a dizer afinal que dia hoje ao mesmo tempo, Caramba! Eu desapareci desde sexta-feira. Onde é que eu estava?

Mas eu então estava a sonhar? E aquilo de deambular pela cidade vazia? E nesse momento uma rajada de chuva caiu sobre nós!

Mas daqui do oitavo andar a chuva escorre pelas janelas, e substitui os carros ausentes, as pessoas ausentes nas avenidas da minha cidade.

CARNAVAL EPM 2020





ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA



20

EPM - CELP
NOVEMBRO DE 2019

20 ANOS DE MEMÓRIAS